



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
UNIDADE EDUCACIONAL PALMEIRA DOS ÍNDIOS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA JULIA DA SILVA NETA

Uma interconexão entre psicologia, literatura e filosofia:
análise do conflito entre o bem e o mal no mundo mágico de Harry Potter

Palmeira dos Índios
2024

MARIA JULIA DA SILVA NETA

Uma interconexão entre psicologia, literatura e filosofia:

análise do conflito entre o bem e o mal no mundo mágico de Harry Potter

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
submetido ao Curso de Graduação em
Psicologia da Universidade Federal de
Alagoas, *Campus* Arapiraca, Unidade
Educativa de Palmeira dos Índios, como
pré-requisito para obtenção do título de
Bacharel com grau de Formação em
Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Lidiane dos Santos
Barbosa

Palmeira dos Índios
2024



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Unidade Educacional Palmeira dos Índios
Biblioteca Setorial Palmeira dos Índios - BSPI

S586i Silva Neta, Maria Julia da
Uma interconexão entre psicologia, literatura e filosofia: análise do conflito entre o bem e o mal no mundo mágico de Harry Potter / Maria Julia da Silva Neta. – Palmeira dos Índios, 2024.

72 f. : il.

Orientadora: Profa. Ma. Lidiane dos Santos Barbosa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, Unidade Educacional Palmeira dos Índios, Palmeira dos Índios, 2024.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus* Arapiraca).
Referências: f. 71 - 72.

1. Psicologia. 2. Psicologia social. 3. Filosofia. 4. Literatura. 5. Emoções. I. Barbosa, Lidiane dos Santos. II. Título.

CDU 159.9

Bibliotecária responsável: Kassandra Kallyna Nunes de Souza
CRB - 4 / 1844

Maria Julia da Silva Neta

“Uma interconexão entre psicologia, literatura e filosofia: Análise do Conflito Entre o Bem e o Mal no Mundo Mágico de Harry Potter”

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL/Unidade Educacional Palmeira dos Índios, como requisito parcial para a obtenção do grau de Formação em Psicologia e aprovado em 14 de março de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **LIDIANE DOS SANTOS BARBOSA**
Data: 03/04/2024 10:09:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. M^a. Lidiane dos Santos Barbosa
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus Arapiraca - Unidade Educacional Palmeira dos Índios
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **CAROLINE CAVALCANTI PADILHA MAGALHAES**
Data: 12/04/2024 14:15:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Caroline Cavalcanti Padilha Magalhães
1^o Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **CASSIA DE CASTRO BEZERRA**
Data: 12/04/2024 11:53:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^a. Cássia de Castro Bezerra
2^o Examinadora

"Aos leitores que, como eu, são apaixonados por ficção de fantasia, dedico este trabalho em homenagem à nossa eterna busca por aventuras inesquecíveis".

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram de maneira significativa para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Luciene, e ao meu pai, Sergio, por me apoiarem ao longo de toda a jornada acadêmica.

Ao meu irmão, Júlio, e à minha avó, Marizete, agradeço pelo suporte e incentivo.

Não poderia deixar de mencionar, Jack, meu cachorro, cuja presença me trouxe conforto nos momentos mais desafiadores.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, meu sincero agradecimento.

Agradeço também aos meus amigos verdadeiros, pelos momentos de diversão, conselhos e incentivo ao longo dessa trajetória acadêmica.

Aos meus professores da escola e universidade, expresso minha gratidão pelos seus ensinamentos, orientações e por inspirar meu crescimento acadêmico.

Por fim, um agradecimento especial à minha orientadora Lidiane, cuja orientação e apoio foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua paciência foi muito necessária, e sou imensamente grata por tudo que você fez por mim.

A cada um de vocês, que se propôs a ler esse trabalho, meu muito obrigado por fazerem parte dessa conquista.

*A sabedoria e o conhecimento estão em toda parte,
mas a estupidez também.*

(Trudi Canavan)

RESUMO

Com o passar do tempo, os valores da sociedade têm mudado, mas alguns princípios morais permanecem constantes. A distinção entre o certo e o errado permanece inabalável apesar das transformações ao nosso redor, como exemplificado na série de livros Harry Potter. Embora haja pesquisas filosóficas sobre o tema, a escassez de estudos psicológicos sobre questões morais é notável. A proposta deste trabalho é refletir sobre o tema, o conflito entre o bem e o mal, utilizando a obra de Harry Potter como ponto de partida, visando despertar o interesse não apenas na comunidade da psicologia, mas também entre estudiosos da filosofia e entusiastas da literatura. Ao explorar as interações entre o protagonista e o vilão na obra, é possível obter insights que relacionam questões políticas e sociais contemporâneas às distinções entre certo e errado. Essas distinções variam conforme as crenças, culturas e grupos sociais do indivíduo. Esse estudo tem como objetivo geral compreender o conceito de bem e mal produzidos na obra ficcional Harry Potter a partir dos encontros entre Harry Potter e Lorde Voldemort. Além de desvendar elementos narrativos, a pesquisa destaca a relevância contínua dessas questões na sociedade contemporânea. Utilizando a abordagem qualitativa e bibliográfica, o trabalho emprega o método de análise de conteúdo para explorar dados textuais. Enquanto a pesquisa qualitativa explica e ilustra a realidade sem quantificar dados, a natureza bibliográfica se baseia na obra em análise. O propósito é preencher a lacuna no entendimento psicológico desses conceitos fundamentais. A pesquisa não apenas investiga a influência ética e moral na literatura, mas também dispõe-se a compreender como narrativas como as de Harry Potter moldam o desenvolvimento do senso crítico, sensibilidade e discernimento moral em jovens e adultos ao longo do tempo. Este trabalho busca inspirar discussões sobre a interconexão entre psicologia, literatura e filosofia, incentivando pesquisadores a aprofundar-se nesse campo em constante evolução.

Palavras-chave: Harry Potter; psicologia; literatura; filosofia.

ABSTRACT

Over time, societal values have changed, but some moral principles remain constant. The distinction between right and wrong remains unshakable despite the transformations around us, as exemplified in the Harry Potter book series. Although there is philosophical research on the topic, the scarcity of psychological studies on moral issues is notable. The purpose of this work is to reflect on the theme, the conflict between good and evil, using the Harry Potter work as a starting point, aiming to awaken interest not only within the psychology community but also among philosophy scholars and literature enthusiasts. By exploring the interactions between the protagonist and the villain in the work, it is possible to gain insights that relate contemporary political and social issues to distinctions between right and wrong. These distinctions vary according to the beliefs, cultures, and social groups of the individual. This study aims to understand the general concept of good and evil portrayed in the fictional work Harry Potter through the encounters between Harry Potter and Lord Voldemort. In addition to unraveling narrative elements, the research highlights the ongoing relevance of these issues in contemporary society. Using a qualitative and bibliographic approach, the work employs the content analysis method to explore textual data. While qualitative research explains and illustrates reality without quantifying data, the bibliographic nature is based on the work under analysis. The purpose is to fill the gap in the psychological understanding of these fundamental concepts. The research not only investigates the ethical and moral influence in literature but also seeks to understand how narratives like those of Harry Potter shape the development of critical thinking, sensitivity, and moral discernment in young people and adults over time. This work aims to inspire discussions about the interconnection between psychology, literature, and philosophy, encouraging researchers to delve deeper into this constantly evolving field.

Keywords: Harry Potter; psychology; literature; philosophy.

RESUMEN

Con el paso del tiempo, los valores de la sociedad han cambiado, pero algunos principios morales permanecen constantes. La distinción entre lo correcto y lo incorrecto permanece inquebrantable a pesar de las transformaciones a nuestro alrededor, como se ejemplifica en la serie de libros de Harry Potter. Aunque hay investigaciones filosóficas sobre el tema, es notable la escasez de estudios psicológicos sobre cuestiones morales. El propósito de este trabajo es reflexionar sobre el tema, el conflicto entre el bien y el mal, utilizando la obra de Harry Potter como punto de partida, con el objetivo de despertar interés no solo dentro de la comunidad de psicología, sino también entre académicos de filosofía y entusiastas de la literatura. Al explorar las interacciones entre el protagonista y el villano en la obra, es posible obtener ideas que relacionen cuestiones políticas y sociales contemporáneas con las distinciones entre lo correcto y lo incorrecto. Estas distinciones varían según las creencias, culturas y grupos sociales del individuo. Este estudio tiene como objetivo general comprender el concepto de bien y mal retratado en la obra de ficción de Harry Potter a través de los encuentros entre Harry Potter y Lord Voldemort. Además de desentrañar elementos narrativos, la investigación resalta la relevancia continua de estos temas en la sociedad contemporánea. Utilizando un enfoque cualitativo y bibliográfico, el trabajo emplea el método de análisis de contenido para explorar datos textuales. Mientras que la investigación cualitativa explica e ilustra la realidad sin cuantificar datos, la naturaleza bibliográfica se basa en la obra bajo análisis. El propósito es llenar el vacío en la comprensión psicológica de estos conceptos fundamentales. La investigación no solo indaga sobre la influencia ética y moral en la literatura, sino que también busca comprender cómo narrativas como las de Harry Potter moldean el desarrollo del pensamiento crítico, la sensibilidad y el discernimiento moral en jóvenes y adultos con el tiempo. Este trabajo tiene como objetivo inspirar discusiones sobre la interconexión entre psicología, literatura y filosofía, alentando a los investigadores a adentrarse más en este campo en constante evolución.

Palabras clave: Harry Potter; psicología; literatura; filosofía.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE O BEM E O MAL	16
2.1	<u>Perspectiva Filosófica de Kant e Aristóteles</u>	19
2.2	<u>Perspectiva Psicológica de Batson e Bloom</u>	23
3	A TRAJETÓRIA DA LITERATURA E SUA EVOLUÇÃO	28
3.1	<u>Temas Literários e a Ficção de Fantasia</u>	30
3.2	<u>A Autora da Saga Harry Potter, J. K. Rowling</u>	33
3.3	<u>Explorando o Mundo Mágico: O Enredo de Harry Potter e seus Personagens</u>	34
3.3.1	<i>Harry Potter: O Menino Que Sobreviveu</i>	34
3.3.2	<i>Ronald Weasley: O Amigo Leal</i>	36
3.3.3	<i>Hermione Granger: A Bruxa Mais Inteligente da sua Época</i>	36
3.3.4	<i>Tom Riddle – Lorde Voldemort: Você-Sabe-Quem?</i>	37
3.3.5	<i>Alvo Dumbledore: O Mentor</i>	40
4	EXPLORANDO O BEM E O MAL NA NARRATIVA	42
4.1	<u>Os Confrontos entre O Menino Que Sobreviveu e Você-Sabe-Quem</u>	45
4.1.1	<i>Representação dos Personagens</i>	46
4.1.1.1	<u><i>A Idealização de Harry Potter como Herói</i></u>	47
4.1.1.2	<u><i>A Personificação de Lorde Voldemort como Vilão</i></u>	53
4.1.2	<i>Dinâmica entre Luz e Trevas</i>	57
4.1.2.2	<u><i>O Caráter do Personagem Principal e do Vilão Antagonista</i></u>	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, os valores da sociedade têm passado por mudanças, mas alguns princípios morais continuam sólidos. A distinção entre o que é certo e errado permanece como um aspecto constante, resistindo às transformações ao nosso redor. Um exemplo disso é a obra de ficção *Harry Potter*, que, mesmo sendo fantasia, consegue refletir elementos da realidade. Isso mostra como as noções de *bem* e *mal*, as quais estão presentes na obra, não apenas evoluem, mas também persistem, encontrando eco em narrativas que capturam a complexidade da vida cotidiana.

De acordo com Zilberman (1985), a literatura, especialmente a ficção, tem a habilidade de representar a realidade, mesmo que envolva elementos fictícios ou contextos temporais, culturas ou povos diferentes. Essa capacidade permite que as obras literárias continuem a se comunicar com os leitores da atualidade, ao abordarem temas diversos e proporcionar uma reflexão sobre a realidade, auxiliando na compreensão das dificuldades e soluções do cotidiano, contribuindo para sua relevância duradoura.

Machado de Assis (2019, p.17), em "Memórias Póstumas de Brás Cubas", nos traz o narrador que é um "defunto autor", um homem que, após sua morte, decide contar para os leitores os acontecimentos de sua vida que considera mais relevantes. Ele ilustra sua opinião em: "Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio [casamento ou matrimônio]". Ele acrescenta que "a gente grave, achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião".

Pessoalmente, acredito que este é um dos livros de Machado de Assis em que a união da realidade e ficção é mais harmoniosa. O trecho acima retrata que o relato da vida de nosso autor, "Brás Cubas", está repleto de humor, mas também de seriedade. Ele acredita que as pessoas "graves", que levam a vida muito a sério, poderiam não gostar da obra, talvez por ser muito fantasiosa - afinal, o autor está morto. Entretanto, ao mesmo tempo, temos os amantes dos romances que, a seu ver, são mais "frívolos" e que talvez não se entreteriam pela escrita realista de seu relato de vida. Isso sugere que sua obra desafia as expectativas convencionais de ficção e realidade.

Ainda na página 17, da obra em questão, no que podemos chamar de "dedicatória de Brás Cubas ao Leitor", o personagem expressa seu ponto de vista sobre aqueles que se

propõem a ler seu trabalho: “A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus”.

Dito isso, vamos a obra *Harry Potter*, de J.K. Rowling, que é um dos maiores fenômenos literários e, é uma obra que influenciou a vida de várias pessoas. Segundo o jornal “O Globo”, em matéria publicada em 2023¹, de acordo com a editora americana Scholastic Corp., a coletânea publicada entre 1997 e 2007 e adaptada para oito filmes, lançados entre 2001 e 2011, “vendeu 600 milhões de cópias em 85 idiomas ao longo de 25 anos, tornando-se o maior best-seller de todos os tempos, com uma narrativa de fantasia que pode ser vista como um espelho para a sociedade contemporânea”. O conflito entre o bem e o mal, presente de forma tão destacada na saga, não apenas entreteve gerações, mas também trouxe reflexões sobre questões éticas e morais enfrentadas no mundo real.

Em pleno século XXI, as pessoas se perguntam o que poderia acontecer de diferente em suas vidas e trazem esse questionamento acerca de seus personagens favoritos. Os fãs muitas vezes escrevem suas próprias versões da história para receber conforto e “consertar” os erros da autora, criando formas alternativas do universo da obra onde os personagens podem ser vistos como humanos com seus erros e acertos

Dessa forma, a pesquisa proposta tem como objetivo geral compreender o conceito de *bem* e *mal* produzidos na obra ficcional Harry Potter a partir dos encontros entre as personagens de Harry Potter e Lorde Voldemort, que é seu antagonista. Contextualiza-se a obra e definem-se os conceitos de *bem* e *mal*, assim como, interpreta-se as interações entre o protagonista e o vilão da obra. Esta pesquisa não visa apenas elucidar os elementos narrativos que compõem o conflito na obra, mas também iniciar uma discussão sobre a relevância contínua dessas questões na sociedade contemporânea. Ao explorar a dinâmica de *bem* e *mal* em um ambiente mágico, pretende-se contribuir para uma compreensão mais profunda da relação entre ficção e realidade, e como as narrativas ficcionais nos levam a questionar nossas próprias crenças e valores morais que estão sendo compartilhados na atualidade, o que permite refletir sobre o contexto histórico em que vivemos.

Essa pesquisa foi realizada com base nos preceitos da pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e utilizou o método de Análise de Conteúdo. Godoy (1995), acredita que a pesquisa qualitativa utiliza dados estudados que explicam e ilustram a realidade, mas que nesse processo não podem ser quantificados. A natureza bibliográfica, é contemplada pela obra base para essa pesquisa, *Harry Potter*, essa sendo verificada para veracidade dos dados

¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/04/saiba-quanto-o-universo-harry-potter-ja-lucrou-desde-o-lancamento-do-primeiro-livro.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2024.

coletados, analisando as potenciais inconsistências ou discrepâncias que podem surgir na obra. Foi utilizada a análise de conteúdo, uma contribuição de Bardin (2011), autora conhecida por utilizar a análise de conteúdo na pesquisa psicossociológica e na análise das comunicações de massas. A partir desse método foram desenvolvidas uma série de etapas e técnicas para orientar a pesquisadora na análise de dados textuais (Prodanov; Freitas, 2013).

Na introdução, é mostrada a proposta inicial deste projeto que consistiu em examinar de que maneira os conceitos de *bem* e *mal* foram abordados na obra fictícia *Harry Potter*, a partir de uma leitura preliminar. Dessa forma, foram destacados temas e categorias iniciais que se mostraram potencialmente relevantes.

No capítulo 2, a ideia central é que o conceito de *bem* está relacionado a ações e atitudes positivas que beneficiam os outros, enquanto o *mal* refere-se a ações prejudiciais, egoístas e moralmente condenáveis. A bondade envolve agir de maneira benevolente, inspirando gestos altruístas que contribuem para o bem-estar geral.

Por outro lado, a maldade é a realização prática do *mal*, muitas vezes, violando normas éticas e causando sofrimento sem justificativa razoável ou a manutenção do próprio altruísmo por motivações egoísta com tendência a priorizar os próprios interesses, podendo variar desde uma consideração razoável até uma exclusão completa dos interesses alheios. Quando o egoísmo chega ao ponto de prejudicar deliberadamente outros para alcançar objetivos pessoais, pode ser considerado uma forma de *mal* e maldade.

A romantização desses conceitos de “*bem e mal*” e a influência da moral de uma sociedade podem utilizar esses conceitos para julgar os comportamentos dos indivíduos e criar normativas culturais, que podem, ao longo do tempo, se tornarem leis. Não estou criticando a criação de leis em uma sociedade; elas são necessárias. Mas é importante informar as pessoas sobre a razão da criação delas e como podem ser aplicadas. Afinal, até que uma pessoa tome conhecimento da existência de algo, a aplicação desse algo e sua própria existência nada mais são do que subjetivos. É importante discutir questões morais e éticas sob o viés da psicologia. Nossos principais objetos de estudo são as pessoas, e a partir das pessoas, a subjetividade que permeia esses indivíduos, seus comportamentos, sua cultura, seu ambiente e sua sociedade. Então, por que não estudar mais uma coisa que nós psicólogos nos propomos a fazer? Não é fácil. Nada é fácil. No entanto, mesmo com todas as dificuldades, aprendemos e nos adaptamos para conseguir respostas sobre a existência humana e o ambiente que nos cerca.

Nesse capítulo, também são apresentadas as visões de *bem* e *mal* de dois renomados filósofos e psicólogos, Kant e Aristóteles, trazendo à tona conceitos filosóficos, bem como a

contribuição de insights da psicologia de Batson e Bloom nesse debate. De acordo com Kant (1724 – 1804), a filosofia prática suprema visa definir o que significa ser uma pessoa boa ou virtuosa. Enquanto Kant nos convida a refletir sobre a moralidade intrínseca das ações e a universalidade dos princípios éticos, vemos que as únicas ações consideradas boas são aquelas derivadas de boas intenções, enquanto o *mal* está associado à má vontade, ou seja, uma vontade que age contrariamente ao dever.

A lei prática mais elevada é universal em relação à sua aplicação, exigindo que todas as naturezas sejam respeitadas e tratadas com dignidade de maneira igual, permitindo a determinação da bondade de uma intenção ou vontade de praticá-la. No entanto, em seus trabalhos Aristóteles, nos instiga a explorar aspectos ligados à virtude, ao caráter e à moralidade, visando entender o significado do que é a vida boa e os meios para atingi-la, na busca pela felicidade e pelo bem comum.

Em paralelo, as teorias de Batson e Bloom sobre empatia e moralidade nos ajudam a examinar as motivações por trás das ações dos personagens, bem como a complexidade das relações entre o *bem* e o *mal*. Batson (2011), destaca haver semelhanças significativas entre altruísmo e egoísmo. Ambos se referem a motivações orientadas a objetivos e estão focados no objetivo final desejado (um estado valorizado). Em ambos os casos, o objetivo final é promover o bem-estar de alguém. Segundo a perspectiva apresentada por Bloom (2014), os seres humanos não possuem uma sensibilidade moral inata nem um conjunto universal de princípios morais que os guie de forma automática na distinção entre o certo e o errado. Em vez disso, ele sugere que as ideias de *bem* e *mal* são formadas por processos cognitivos, influências culturais e interações sociais.

No capítulo 3, é apresentada a definição do que é literatura, parte da história de como ela foi criada, gêneros literários com ênfase na ficção de fantasia e um pouco sobre a obra *Harry Potter*, sua autora e alguns personagens importantes para a trama. Essa análise não apenas enriquece nossa compreensão da obra de J.K. Rowling, mas também nos permite vislumbrar como as narrativas ficcionais podem moldar e refletir nossas visões sobre o mundo real. Ao examinar essa temática, estamos, portanto, nos engajando em um exercício de reflexão sobre a natureza da humanidade e a complexidade de nossas próprias escolhas morais. É necessário estudar o tema para compreender como as pessoas entendem o mundo na contemporaneidade.

No último capítulo, além da apresentação do percurso metodológico baseado na Análise do Conteúdo, são analisadas as interações entre Harry Potter e Lorde Voldemort. Esses, ao evidenciarem a representação das forças opostas de Luz e Trevas, proporcionam

uma reflexão sobre as posições socialmente aceitas no mundo mágico, considerando-as como expressões do *bem* e do *mal*. Assim como as características de egoísmo e altruísmo, destacadas pelo protagonista idealizado e pela personificação do vilão na obra.

A saga de *Harry Potter* oferece um terreno fértil para explorar essas questões, pois transcende a simples dualidade entre herói e vilão, apresentando personagens multifacetados que desafiam as convenções tradicionais de moralidade. Ao examinar o tema do *bem* e do *mal* em *Harry Potter*, estamos, portanto, nos engajando em um exercício de reflexão sobre a natureza da humanidade e a complexidade de nossas próprias escolhas morais.

Infelizmente, essas questões morais não são abordadas na psicologia com frequência por serem temas polêmicos e que afetam a sensibilidade das pessoas. Existem várias definições sobre questões morais que estão além do bem e do mal e falar sobre assuntos que mexem tanto com as pessoas muitas vezes, a depender do tipo de formação, deixa psicólogos desconfortáveis. Acredito que existem várias formas de analisar o que é bom ou mau e se isso está relacionado ao que é certo ou errado. Isso depende do local de onde as pessoas falam, suas vivências, como foram criadas e as ideias que defendem, e isso pode mudar ao longo dos anos, conforme as pessoas se desenvolvem. Está tudo bem, mesmo que o mundo tenha definições generalistas sobre as questões morais e as idealizem; é no dia a dia que as pessoas entenderão com que ideia se identificam.

Se esforçar para se tornar um personagem idealizado, justo e virtuoso causa sofrimento, humanos não são assim o tempo todo, fomos feitos para aprender e não para saber verdades imutáveis, se soubéssemos ainda seríamos humanos? E a pessoa que cometeu erros? Essa pessoa não pode acertar? Não pode mudar? Essas são questões para reflexões.

Neste trabalho, serão encontradas visões de mundos diferentes, esse não é um trabalho aprofundado, é o começo de uma ideia. Vamos passar pela literatura, o gênero fantasia, o enredo da obra *Harry Potter* e a história do próprio Harry e seu inimigo, alguém tão parecido, mas tão diferente que talvez em outro mundo poderiam estar em lugares opostos ou serem a mesma pessoa. Vamos ler o que Kant tem a dizer com sua universalidade da lei prática mais elevada, o discurso de Aristóteles e as virtudes, os problemas com o excesso e a deficiência. Então Batson trará suas ideias de Altruísmo e explicará como esse tipo de ação acontece e por fim, Bloom, uma forma de resumir seu estudo sobre questões morais? A palavra seria *depende*, *depende* de quem você é, *depende* do que aprendeu, *depende* do lugar ao qual você pertence e me vi concordando com isso, embora ele não utilize essa palavra, acredito que *depende* contemple a humanidade em vários âmbitos.

2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE O BEM E O MAL

A discussão sobre questões morais é frequentemente evitada na psicologia devido à sua natureza polêmica e à sensibilidade que desperta nas pessoas. Existem diversas definições acerca da moralidade e o senso moral² que transcendem a dinâmica entre o *bem* e o *mal*. Embora o mundo possa impor definições morais generalistas e ideais, é no cotidiano que as pessoas verdadeiramente descobrem com quais ideias se identificam.

A noção de “*bem*”, juntamente com a *bondade* e o *altruísmo*³, está profundamente conectada tanto em seus significados como em seus conceitos. Esses três elementos estão entrelaçados em termos de ética⁴, moral e comportamento humano. Paul Bloom (2014, local.96), nos traz o conceito sobre a vida moral que foi discutido por Thomas Jefferson em uma carta para Peter Carr, Jefferson escreveu: “O senso ou a consciência moral faz parte do homem tanto quanto uma perna ou um braço. Todos os seres humanos o possuem em maior ou menor grau, da mesma forma que seus membros têm maior ou menor força”. O entendimento do que é considerado *bem* pode variar conforme os valores culturais, éticos, religiosos e pessoais de cada indivíduo. No entanto, o *bem* geralmente se refere a ações, atitudes que tenham um impacto positivo e benéfico e essas ações englobam a prática do que é correto a vista da lei e da sociedade de um determinado povo, a atuação em prol dos outros e a contribuição para o bem-estar coletivo, sendo esse *bem* vinculado ao outro.

Nota-se que a qualidade da bondade é um aspecto do caráter que se revela por meio de ações benéficas para com o outro, incluindo a empatia, a palavra *empatia* foi criada em 1909, com base na palavra alemã *Einfühlung*, que significa “sentir-se em” —, pode ser descrita como: “É como se entrássemos no corpo [de outra pessoa], e nos tornássemos, em certa medida, a mesma pessoa.” A empatia é um impulso poderoso, e, muitas vezes, irresistível. O que reflete coletivamente e por isso é um conceito definido coletivamente, em grupos sociais e na sociedade em que estão inseridos. A bondade é uma manifestação ativa do que é bom, e positivo na natureza humana. Ela cria um ciclo virtuoso, por inspirar aqueles que a experimentam a replicar esses gestos benevolentes. Além disso, as ações altruístas contribuem

² Paul Bloom, aponta que nossos dotes inatos são: Um senso moral — certa capacidade de distinguir entre as ações gentis e as cruéis; Empatia e compaixão — sofrer com a dor dos que nos cercam e ter vontade de acabar com este sofrimento; Um senso rudimentar de equidade — uma tendência a favorecer divisões equitativas dos recursos; Um senso rudimentar de justiça — o desejo de ver as boas ações recompensadas e as más ações punidas.

³ Utilizo aqui meu entendimento de que altruísmo é fazer o bem em prol de outras pessoas.

⁴ Conjunto de regras que conduzem o comportamento de indivíduos ou grupos. "ética", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/%C3%A9tica>.

diretamente para a promoção do *bem* e são frequentemente vistas como expressões de bondade. Agir com bondade pode ser uma motivação por trás do comportamento altruístico, pois a disposição de auxiliar os outros, muitas vezes, surge de um desejo inato de promover o *bem* (Smith, 1759 *apud* Bloom, 2014).

Em contrapartida, estão os conceitos de “*mal*”, *maldade* e *egoísmo* que instigam as pessoas a explorar o conceito, as motivações e as ações que podem causar sofrimento aos outros. A relação entre esses conceitos está na forma como as ações humanas são motivadas e avaliadas do ponto de vista moral. Hobbes (1651 *apud* Bloom, 2014), argumentou que o homem “no estado de natureza” é mau e egoísta. Bloom (2014, local.115), traz a ideia de que:

Somos, por natureza, indiferentes, e até mesmo hostis, a desconhecidos; temos uma propensão ao bairrismo e à intolerância. Algumas de nossas respostas emocionais instintivas, mais notavelmente a aversão, nos estimulam a fazer coisas horríveis, incluindo atos de genocídio.

Dessa forma, podemos utilizar a palavra *mal* como ações ou estado de ser prejudicial, negativo ou moralmente condenável. Pode ser utilizado em contextos morais, onde descreve ações ou comportamentos que causam intencionalmente dor, sofrimento ou dano a outros seres e por isso é definido pelo coletivo. A maldade pode ser considerada a concretização do *mal* mediante ações prejudiciais e hostis, as ações malévolas podem causar sofrimento e impactos negativos. A maleficência muitas vezes envolve violar normas morais e éticas, deliberadamente, causando sofrimento sem justificativa razoável. Embora nem sempre a intenção seja causar *mal*, as ações malévolas geralmente resultam nisso. Kohlberg (1969 *apud* Bloom, 2014, local.1429), alegava que:

[...] as crianças pequenas começavam a pensar na moralidade levando em conta noções mais simples, como o egoísmo (o que é bom é o que me traz prazer) e, em seguida, considerando a autoridade parental (o que é bom é o que os meus pais dizem que é bom). Essas noções ficam mais sofisticadas à medida que as crianças amadurecem, até que, finalmente, a moralidade é entendida em termos de regras e princípios abstratos, semelhante aos sistemas desenvolvidos pelos filósofos morais. O resultado é uma teoria consistente e ampla sobre o certo e o errado.

Ademais, interpretamos que o egoísmo é a tendência de priorizar os próprios interesses, necessidades e desejos acima dos interesses dos outros para conseguir prazer. Pode variar desde a consideração razoável de interesses próprios, onde as pessoas cuidam de si mesmas e buscam satisfazer suas próprias necessidades, até a exclusão completa dos interesses alheios. Nesse último caso, seus próprios interesses são priorizados de maneira tão

intensa que o indivíduo está disposto a prejudicar deliberadamente os outros para alcançar seus objetivos com interesse relacionados a própria riqueza e status (Bloom, 2014).

No conto, *Igreja do Diabo*, de Machado de Assis. O Diabo se sente humilhado por seu papel avulso que existia há séculos, pois quando se tratava dele ou de sua obra, não existiam regras, rituais ou organização. Tudo que restava ao Diabo era viver das sobras da obra do divino e os descuidos humanos. Então, um dia, o Diabo pede a Deus que o permita fundar sua própria igreja, pois a partir de suas observações ao longo dos séculos, as virtudes, quando em grande número são comparáveis a rainhas com mantos de veludo, no entanto, acabam por remeter-se em franjas de algodão⁵.

Depois de alguma argumentação, Deus permite que o diabo funde sua igreja. O Diabo não perde tempo e anuncia-a todos quem ele é, e que as virtudes praticadas deveriam ser substituídas por outras, soberba, luxúria, preguiça, avareza e inveja seriam reabilitadas. Aos seus fiéis não faltaria nada. A cada dia, o Diabo recebia mais pessoas dispostas a segui-lo, entusiasmadas com a nova ordem das coisas. O Diabo, pregava-a venalidade⁶, a corrupção:

Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? (Assis, 1884, local.68).

Não havia necessidade de perdão as injúrias ou formas de cordialidade, respeito era condenado e o decoro só deveria ser apresentado se resultasse em ganho pessoal, sendo convertido em adulação. Foi cortada toda forma de solidariedade humana, pois o amor ao próximo não passava de uma invenção de parasitas e comerciantes. O amor permitido era o amor a si, “a previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova [...]” (Assis, 1884, local. 92).

No entanto, longos anos depois, o Diabo percebeu que seus fiéis, incompreensivelmente, praticavam as antigas virtudes às escondidas. Por alguma razão, as pessoas estavam praticando suas maldades, suas novas virtudes, a frente de todos, sentindo culpa por seus atos ou oferecendo retribuição por eles. Mesmo aqueles a quem o Diabo considerava apóstolos ou os mais próximos aos seus ensinamentos, cometeram ações

⁵ Por mais nobres que as ações de alguém possam aparentar, muitas vezes elas escondem intenções impuras

⁶ O exercício de um direito superior a todos os outros, caso seja acompanhado de lucro.

“hediondas” aos seus ensinamentos. Pois, o homem não é nem ruim, nem bom somente; nossa existência humana possui as duas instâncias.

Certa vez, um homem conhecido por ser um falsificador que vivia uma boa vida e era considerado uma fraude em pessoa, dava gratificações a seus criados e após estabelecer amizade com um padre, o homem fraudulento iria até a capela solitária se confessar todas as semanas.

Pasmo com a situação, o Diabo não percebeu que as atitudes que via agora eram um reflexo das antigas que seus crentes diziam-se dispostos a abandonar. Na busca de entender a razão dessa reviravolta, o Diabo subiu aos céus e contou a Deus sobre o fenômeno. Após ouvi-lo, Deus o-olhou e disse: “ — Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana” (Assis, 1884, local. 114).

Portanto, a diversidade de costumes e crenças morais reflete a complexidade da condição humana e da sociedade em que estamos inseridos. Como observado por Heródoto (*apud* Bloom, 2014), cada cultura tende a valorizar seus próprios princípios e tradições como superiores. Contudo, ao explorar o senso moral e as questões relacionadas ao *bem* e ao *mal*, torna-se evidente que tais conceitos são complexos e sujeitos a interpretações diversas. Nesse sentido, é fundamental examinar mais profundamente as nuances do comportamento humano, incluindo suas contradições, para compreendermos melhor a natureza ética da existência, faremos isso nos próximos tópicos trazendo as perspectivas filosóficas e psicológicas sobre questões relacionadas ao bem e o mal.

2.1 Perspectiva Filosófica de Kant e Aristóteles

No século XVIII, Immanuel Kant (1724 – 1804), foi um importante filósofo alemão, que propôs a teoria que ficou conhecida como ética deontológica kantiana. Essa teoria ética é baseada na ideia de que a moralidade, o conjunto de regras, valores e normas que guiam uma sociedade e determinam o que é considerado certo ou errado, deve ser baseada em princípios universais e racionais, em vez de consequências ou resultados.

O motivo de Kant estar aqui é em razão da universalidade de sua teoria e a busca de um padrão que está muito distante da realidade, que embora beire a utopia, é admirado e o ideal de algumas pessoas. Os princípios centrais identificados na ética deontológica kantiana são: *imperativo categórico, autonomia e liberdade, respeito pela dignidade humana, e boa vontade.*

A bondade e a moralidade são discutidas por Kant em suas obras “*Crítica da Razão Prática*” e “*Fundamentação da Metafísica dos Costumes*”. Para Kant, a tarefa da filosofia prática é determinar, o que é ser uma pessoa boa ou virtuosa, as únicas boas ações são as que são produzidas por boas intenções e o *mal* reside na má vontade, a vontade que age em desacordo com o dever, a normativa a qual não se submeteu.

O discernimento do que é bom ou mau não está na ação, mas no espaço de questionamento racional anterior a ação, na *intenção* da qual a realização será proposta. O filósofo dedica muita atenção a uma regra que ele chama de “*lei prática suprema*” ou “*imperativo categórico*”. Kant identifica essa regra como o princípio mais básico pelo qual o valor moral pode ser medido. Determinamos o que é e o que não é exigido de nós, o que é e o que não é nosso dever. O filósofo via o *mal* como uma falha em cumprir nossos deveres morais, ou seja, quando agimos de maneira contrária às normas racionais que derivamos.

De acordo com Sedgwick⁷ (2017), o *imperativo categórico* é universal com respeito a dois pontos: A lei prática suprema é universal com respeito ao desígnio de sua aplicação, onde devemos respeitar e tratar com dignidade todas as naturezas racionais, tratando-as igualmente. E é universal com respeito ao propósito de sua validade racional, agindo de acordo com um padrão, válido para todas as naturezas racionais, de forma que seja possível determinar se uma intenção ou vontade é boa e se uma ação é correta.

Dessa forma, uma ação é moralmente boa quando é realizada com a intenção de agir corretamente, independentemente das emoções ou consequências envolvidas, os indivíduos possuem *autonomia e liberdade* para se portar, entretanto, são esses moralmente responsáveis por seu comportamento. Além disso, as ações de um indivíduo devem considerar o *respeito pela dignidade humana*, isso implica que não se deve explorar e/ou manipular os outros para satisfazer seus próprios objetivos egoístas. Conforme Kant (2017, p.361), “[...] o mal na sua máxima; o que é então um mal qualificado, quer dizer, um verdadeiro vício”.

A bondade, encontra-se na *boa vontade*. De modo que, a boa vontade é aquela que age em acordo com o dever, independentemente de quaisquer necessidades ou interesses pessoais.

Pode-se, perfeitamente, exaltar ações alheias, operadas com grande sacrifício, e ao certo só pelo dever, dando-lhes a denominação de nobres e sublimes, embora apenas, não obstante a isso, enquanto houver indícios que deixam supor que tenham ocorrido em tudo por respeito ao seu dever e não por um impulso do coração. Mas se quisermos apresentar alguém como exemplo a seguir, devemos usar imperativamente como motor o respeito ao dever (qual único sentimento moral verdadeiro), preceito sério e sagrado, que não permite ao amor-próprio fátuo julgar

⁷ Sally Sedgwick é Ph.D. em filosofia e presidente do Departamento de Filosofia da Boston University. Disponível em: <https://www.bu.edu/phil/profile/sally-sedgwick/>. Acesso em: 09 ago. 2023.

com impulsos patológicos (enquanto sejam análogos à moralidade) nem vangloriar-se de um valor meritório. Se investigarmos bem, encontraremos para todas as ações que são dignas de exaltação uma lei do dever que ordena e não deixa depender do nosso capricho o que pudesse ser agradável à nossa inclinação. É esse o modo exclusivo de representação que a alma perfaz moralmente, porque só ele é capaz de princípios firmes e exatamente determinados (Kant, 1959, p. 85).

Segundo Sedgwick (2017, p.130), quando Kant introduziu o conceito de imperativo hipotético, o filósofo explicou que “Imperativo hipotético diz apenas que a ação é boa para um propósito qualquer possível ou real”.

O imperativo hipotético representa princípios morais condicionais, dependentes de objetivos particulares, eles representam uma ação como “meio para se conseguir outra coisa que se quer”. O imperativo hipotético, possui algumas subdivisões como, por exemplo, o *imperativo hipotético problemático* que comanda ações boas para algum fim ou propósito “possível”, como um médico que quer cuidar de seu paciente e segue as regras necessárias para curá-lo e o *imperativo hipotético assertórico* que tem em vista comandar meios para a obtenção de fins reais, onde esse fim a ser alcançado é a felicidade (Sedgwick, 2017).

Um exemplo que pode ser dado sobre o assunto é a respeito da caridade, a generosidade para com o próximo que está numa situação desfavorável, seja ela física, moral ou social, é boa se e somente se a sua intenção de dar é formada pela sua verdadeira compreensão do conceito de bondade.

Conforme Kant (1959, p.125), “[...] É que não se pode conceber o efeito da bondade (relativamente à felicidade dos seres racionais) senão sob a condição restritiva de um acordo com a santidade de sua própria vontade como conformada ao sumo bem na sua própria origem”, acredito que, nesse contexto, agir de acordo com a própria vontade em conformidade com o "sumo bem" implica agir de forma moralmente correta, mesmo que isso possa não resultar em benefícios tangíveis ou ganhos materiais.

Para Kant, o propósito da santidade presente na vontade é dar a conhecer o caráter próprio desses conceitos. Quando as características são atribuídas a Deus – diversas propriedades, como poder, ciência, presença, bondade infinita, etc. –, não podem atingir a grandeza, visto que estas são apenas alcançadas por Deus. Ele é o único santo legislador, governante bondoso e juiz justo. Esses atributos são o que torna Deus o ícone da religião. À vista disso, essas especificidades norteiam a nossa razão.

Deste modo, um indivíduo deve fazer uma doação à caridade porque é bom fazê-la, não porque você se sentirá melhor por isso, algum conhecido o instigou ou porque sua

religião diz que é bom fazer. Uma compreensão correta do conceito de bondade nos limita à ação correta como um dever: não poderíamos agir de outra maneira.

A partir de raciocínio, quando observo a realidade da sociedade, as ideias de Kant implicam um desafio e uma reflexão sobre a relação entre a moralidade e os interesses próprios, bem como sobre a natureza da felicidade e do bem-estar humano. Na prática, seguir os princípios kantianos de forma estrita pode ser difícil em uma sociedade onde muitas vezes há pressões econômicas, políticas e sociais para agir de maneira contrária aos princípios morais.

No entanto, Aristóteles em sua obra “*Ética a Nicômaco*” discutiu amplamente a questão da bondade e a ética, a bondade aristotélica. Esta obra é uma das principais obras da filosofia moral e ética, em “*Ética a Nicômaco*”, Aristóteles explora as questões relacionadas à virtude, ao caráter e à moralidade, visando compreender o que é a vida boa e como alcançá-la.

Além disso, como a palavra “bem” tem tantos sentidos quantos “ser” (visto que é predicada tanto na categoria de substância, como de Deus e da razão, quanto na de qualidade, isto é, das virtudes; na de quantidade, isto é, daquilo que é moderado; na de relação, isto é, do útil; na de tempo, isto é, da oportunidade apropriada; na de espaço, isto é, do lugar apropriado, etc.), está claro que o bem não pode ser algo único e universalmente presente, pois se assim fosse não poderia ser predicado em todas as categorias, mas somente numa (Aristóteles, 2013, p.14).

Aristóteles acreditava que a busca pelo bem e pela virtude, ou excelência (*aretê*), era central para uma vida plena e significativa. As ações humanas visam a algum bem, e a finalidade desse bem é a felicidade (*eudaimonia*). O termo eudaimonia regularmente significa 'o estado de contentamento estável'. Tudo que os indivíduos fazem é buscar pela felicidade, e essa felicidade, esse bem, é a satisfação. Ser feliz é se sentir realizado, é uma ideia que foca na própria pessoa e como essas ações fazem o sujeito sentir, diferente de Kant. Segundo Aristóteles, para ser feliz, é necessário ter condições materiais, uma vida de prazer, boas amizades e excelência intelectual e moral.

[...] se as coisas que indicamos também são boas em si mesmas, o conceito do bem terá de ser idêntico em todas elas, assim como o da brancura é idêntico na neve e no alvaiade⁸. Mas quanto à honra, à sabedoria e ao prazer, no que se refere à sua bondade, os conceitos são diversos e distintos. O bem, por conseguinte, não é uma espécie de elemento comum que corresponda a uma só ideia (Aristóteles, 2013, p. 8).

Para Aristóteles, um indivíduo com boas condições materiais e bens tem maior chance de ser feliz, pois não está passando necessidades essenciais em sua vida. Um indivíduo que

⁸ Pigmento branco, constituído de carbonato de chumbo [2PbCO₃·Pb(OH)₂].

leva uma vida de prazer e realizações possui maior chance de ser feliz, no entanto, isso não torna ninguém, necessariamente, bom ou feliz. Para alcançar a felicidade é necessário ser virtuoso e a virtude é o equilíbrio das ações humanas. Aprender com as próprias ações e as ações dos indivíduos ao redor traz experiência para agir e fazer escolhas moderadamente.

Considerando o raciocínio de que as virtudes éticas estão relacionadas ao caráter moral e envolvem encontrar o equilíbrio entre excesso e deficiência em ações e emoções, o sujeito virtuoso não deve ser corrompido pela covardia (*deficiência*) e a imprudência (*excesso*). As virtudes intelectuais, por outro lado, estão relacionadas ao exercício do pensamento racional e à busca do conhecimento. A virtude moral é adquirida por meio da prática habitual e do cultivo de hábitos virtuosos.

Independentemente de uma virtude ser ética ou moral, a virtude é uma disposição adquirida de forma voluntária. No momento que uma ação se transforma em hábito, ela estará se tornando uma forma de caráter do sujeito e esse caráter deve estar alinhado com o *bem*. Nesse sentido, ele argumenta que o *mal* não é uma substância em si, mas a ausência ou desvio da virtude. “[...] o homem que queremos tornar bom deve ser bem adestrado e acostumado, passando depois o seu tempo em ocupações dignas e não praticando ações más nem voluntária, nem involuntariamente [...]” (Aristóteles, 2013, p. 196).

A partir das minhas leituras, entendo que a moralidade humana possui grande diversidade. Pizarro (*apud* Bloom, 2014, local. 1433), acredita que possuímos o que ele chamou de “miscelânea de moralidade” — “uma reunião bastante frouxa de percepções, regras gerais e reações emocionais”. Como indivíduos, navegamos por esse vasto território moral com nossas próprias percepções, regras gerais e reações emocionais. No entanto, ao reconhecer essa diversidade, também nos desafiamos a explorar e compreender melhor os fundamentos de nossas crenças éticas, abrindo espaço para um diálogo contínuo e uma reflexão aprofundada sobre as questões morais que permeiam nossas vidas. Bloom (2014, local. 1433), traz a ideia de que: “poucos adultos são kantianos, ou utilitaristas, ou especialistas em virtudes éticas; normalmente, nós não pensamos na moralidade como os filósofos fazem”. E é com essa reflexão que vamos ao próximo tópico e trazemos as perspectivas dos psicólogos Batson e Bloom.

2.2 Perspectiva Psicológica de Batson e Bloom

Se a bondade é uma manifestação do que é bom e o altruísmo é uma expressão da bondade, o altruísmo é o próprio *bem* em sua forma mais virtuosa por contribuir com o *bem*

maior da humanidade. A respeito do altruísmo, Batson (2011, p. 23)⁹ descreve: “[...] por altruísmo quero dizer um estado motivacional com o objetivo final de aumentar o bem-estar do outro” e esse estado motivacional é uma força direcionada a um objetivo (Lewin, 1938 *apud* Batson, 2011). Ao mesmo tempo, Batson esclarece que altruísmo e egoísmo, têm muito em comum. Cada um deles refere-se a um motivo direcionado a um objetivo e estão preocupados com o objetivo final desse motivo e o objetivo final de cada um é aumentar o bem-estar de alguém.

A motivação direcionada a objetivos possuem quatro particularidades a seguir: primeiramente, o indivíduo almeja uma alteração imaginária no ambiente que o cerca e esse desejo de alteração é o seu objetivo. Seguidamente, existe uma força maior que atrai o sujeito em direção ao objetivo. Terceiro, se existir algum impedimento no caminho para acessar o objetivo, o indivíduo irá criar rotas alternativas para alcançá-lo. Por último, a força motivacional desaparece quando o objetivo é alcançado, o objetivo final é seu próprio fim (Batson, 2011).

Voltando ao conto "Igreja do Diabo" (Assis, 1884) e utilizando os conceitos apresentados por Batson (2011), é possível examinar a sequência dessa forma: o homem, considerado uma fraude em pessoa, dava gratificações a seus criados (com a mudança das "regras" para humanidade, embora ele se mantivesse confortável, o homem fraudulento via suas ações como más). Após estabelecer amizade com um padre, o homem fraudulento iria até a capela solitária se confessar todas as semanas (o homem fraudulento visa espiar suas más ações, embora elas sejam atualmente aceitas), se as ações fraudulentas, embora más, são aceitas, a maneira de contradizê-las é realizá-las furtivamente indo à capela solitária. Quando o homem se confessa ao padre todas as semanas, ele elimina seus "pecados" e alcança o fim do seu objetivo até iniciar, novamente, o ciclo com outros pecados que ele julga que precisam ser perdoados.

No entanto, embora esteja ajudando alguém ou realizando as ações em benefício próprio, esse personagem não está praticando apenas altruísmo ou egoísmo. Eles podem existir simultaneamente por serem relevantes somente no contexto da motivação orientada para um objetivo. Buscar beneficiar a si e a outro implica dois objetivos finais (desde que o indivíduo e o outro sujeito sejam percebidos separadamente), e cada objetivo final novo apresentado é definido como um novo motivo direcionado a um objetivo (Batson, 2011).

⁹ Daniel Batson é um psicólogo social conhecido por suas contribuições significativas para a pesquisa sobre empatia e comportamento pró-social.

Batson (2011, p.26), diz que: “Alguns estudiosos assumem que o altruísmo requer autossacrifício”. No entanto, ele não concorda com isso, por existirem dois problemas com esse paralelo: (a) a motivação das consequências do ato de autossacrifício, pois a ação pode ser acidental; (b) se sacrificar em prol de outro visando o resultado da ação pode trazer recompensas. Então é melhor pensar em altruísmo como algo benéfico para outro e não a custo de sacrifícios pessoais.

Desse modo, a preocupação com alguém pode ser egoísta de várias maneiras, sendo estas, direcionadas para o objetivo egoísta de ganho material, evitar avaliação social negativa e aumentar a estima ou autorrecompensas, como se sentir melhor por ajudar alguém pela emoção trazida e não pelas necessidade de alguém. De acordo com essa explicação, ajudo mais quando sinto empatia¹⁰ porque sei que existem recompensas especiais na forma de elogio, honra e orgulho que acompanham a ajuda.

De certa maneira, é possível afirmar que, embora o altruísmo tenha como objetivo final o bem-estar dos outros, alcançar esse *bem* requer a capacidade de reconhecer as necessidades dos indivíduos ao nosso redor. A preocupação empática permite que alguém diferencie entre o desconforto ocasional e o comportamento cotidiano de outra pessoa, levando a enxergar essa pessoa como alguém que necessita de cuidado devido à conexão emocional ou sofrimento visível. Isso pode resultar em um estado de excitação empática, onde alguém experimenta um aumento de energia ou emoção ao compartilhar de forma empática os sentimentos do outro, chegando a vivenciar uma amplificação das emoções alheias dentro de si, embora nunca se deva esquecer da necessidade de separar os papéis para que alguém ofereça a ajuda real a um sujeito ao invés de ajuda a si (Batson, 2011).

Conforme argumentado por Paul Bloom, um psicólogo conhecido por suas pesquisas acerca de psicologia, moralidade, empatia e desenvolvimento humano, alega-se que os seres humanos não possuem uma intuição moral inerente ou um padrão moral universal que os conduza automaticamente a discernir entre o correto e o incorreto. Em vez disso, propõe que as concepções de *bem* e *mal* são moldadas por processos cognitivos, influências culturais e dinâmicas sociais (Bloom, 2014).

Defende-se que o discernimento moral humano é mais complexo do que meramente maximizar a felicidade ou minimizar o sofrimento. Ele argumenta que, ao emitir julgamentos morais, as pessoas frequentemente ponderam tanto a intenção por trás de uma ação como as implicações das consequências.

¹⁰ Empatia para Batson, refere-se à emoção voltada para outra pessoa, provocada e congruente com o bem-estar percebido de alguém necessitado.

Todos os membros da sociedade humana precisam da ajuda uns dos outros, e estão igualmente expostos a ofensas mútuas. Nas sociedades onde a ajuda é provida de forma recíproca através do amor, da gratidão, da amizade e da estima, a sociedade se desenvolve e cresce feliz (Smith *apud* Bloom, 2014, local.265)

De acordo com Bloom (2014, local.265), “é em nome do benefício de todos que nos preocupamos com aqueles que nos cercam”. Isso reflete no nosso próprio benefício, no entanto, para a sociedade florescer, os indivíduos têm que se abster de tirar vantagem uns dos outros.

Por mais egoísta que se creia ser o homem, existem, evidentemente, alguns princípios em sua natureza que o fazem se interessar pela bem-aventurança dos outros, e tornam a felicidade dos outros necessária para ele, embora ele não obtenha nada com isso, exceto o prazer de observá-la. Dentre esses princípios, estão a piedade ou a compaixão, a emoção que sentimos pela desgraça alheia, seja quando a testemunhamos, seja quando somos levados a imaginá-la de uma forma muito intensa. O fato de que, muitas vezes, ficamos tristes com a tristeza de outros é, sem dúvida, muito óbvio para exigir qualquer prova cabal; pois este sentimento, como todas as outras paixões originais da natureza humana, não está, de forma alguma, confinado ao virtuoso e ao humano, embora, talvez, eles possam percebê-los com a mais requintada sensibilidade (Bloom, 2014, local. 832).

Apesar de reconhecer a importância da empatia em nossa psicologia, Bloom indica que a empatia nem sempre é uma base confiável para determinar o que é eticamente correto ou bom para sociedade. Isso se deve ao fato de que a empatia tende a ser seletiva e influenciada por fatores emocionais, o que pode conduzir a decisões morais tendenciosas ou contraditórias. É necessária uma abordagem mais equilibrada para guiar decisões éticas, nas explorações sobre moralidade e tomada de decisões, ele aborda o comportamento egoísta como uma parte da complexa gama de motivações humanas, ressaltando a interação da empatia e da razão com nossas ações.

Segundo Bloom (2014), “pode-se, então, aprender a ser bom, sem grandes motivações morais, apenas imitando a bondade dos outros”. A imitação desempenha um papel significativo na formação de nossas inclinações morais, sejam elas altruístas ou egoístas. Através da observação e da imitação, podemos internalizar comportamentos e valores que observamos nos outros, sejam eles virtuosos ou egoístas. Assim, é possível aprender a ser bom através da imitação da bondade alheia, mesmo na ausência de motivações morais profundas. Da mesma forma, o egoísmo também pode ser aprendido por imitação e utilizados para aumentar riqueza e status. Quando os exemplos ao nosso redor valorizam o interesse próprio em detrimento do bem comum. Nesse sentido, a imitação não apenas molda nossas

ações, mas também influencia nossas percepções sobre o que é moralmente aceitável, destacando a importância de um ambiente ético e de modelos positivos na formação de nossos comportamentos.

Bloom (2014), também acredita haver uma tendência a sentir maior empatia por aqueles que estão próximos, como amigos e familiares, e menos por indivíduos distantes ou diferentes dos que estão familiarizados. Ele sustenta que tal predisposição pode restringir a capacidade de agir de maneira moralmente coerente e compassiva em situações que envolvem pessoas fora do seu círculo íntimo.

Adicionalmente, é dito que: “um impulso igualitário puro é uma coisa, e o desejo de causar uma boa impressão é outra” (Bloom, 2014, local 1085). Algumas ações que inicialmente parecem egoístas podem, a longo prazo, beneficiar outros. Decisões que aparentam ser egoístas podem, na realidade, ser embasadas em uma compreensão mais profunda das implicações e necessidades de todos os envolvidos, no entanto, é importante ter em mente que algumas boas ações podem ser realizadas para receber benefícios em troca.

Também é explorado o papel das emoções morais negativas, como o desejo de punição para as más ações, na compreensão do *bem* e do *mal*. Ele sugere que essas emoções desempenham um papel significativo na formação de normas sociais e na regulação do comportamento moral.

Se fôssemos sempre gentis uns com os outros, a questão da punição nunca surgiria. [...] Alguns se sentem tentados a enganar, a matar e a sucumbir a impulsos egoístas, e para que possamos sobreviver na presença destes indivíduos, precisamos fazer com que este mau comportamento custe caro (Bloom, 2014, local.1182).

Na visão de Bloom os conceitos de *bem* e *mal* são enfatizados a considerar a empatia de forma crítica e a influência das emoções morais negativas na compreensão da moralidade. Ao realçar a importância da empatia e das emoções morais, Bloom nos faz refletir sobre a complexidade da moralidade. Sua abordagem desafia visões simplistas, incentivando-nos a considerar as diversas influências que moldam nossas percepções éticas. Concordando com ele durante a leitura de seu trabalho, reconheci a moralidade como uma construção multifacetada, variando conforme o contexto cultural, social e individual. Isso nos motiva a explorar profundamente as origens de nossas crenças éticas e a valorizar o diálogo contínuo sobre questões morais.

Dando seguimento a essa pesquisa, o próximo capítulo irá explorar a evolução da literatura, mergulhando nos gêneros literários, especialmente na fantasia, dedicando atenção especial à obra estudada *Harry Potter*.

3 A TRAJETÓRIA DA LITERATURA E SUA EVOLUÇÃO

A palavra literatura vem do latim *litteratura*¹¹ que se refere a: conjunto de textos ou obras escritas sobre determinado assunto; conjunto das obras literárias de um país, de uma região ou de determinada época ou forma de expressão escrita que se considera ter mérito estético ou estilístico; arte literária. A literatura, abrange a ideia de um conjunto de escritos que tratam de assuntos particulares ou específicos. E esses escritos podem variar em gênero, tema e forma, mas todos têm em comum a natureza da expressão por meio da escrita.

Ao longo da história, a humanidade passou pelos blocos de pedra, onde o pensamento era fixado nas rochas de muralhas e monumentos importantes da civilização local; as tábuas de argila e cilindro dos babilônios; couro, pedaços de madeira e casca de árvore dos romanos primitivos; pergaminho, papiro e, finalmente, a fibra da madeira que chamamos de papel. Mesmo sem nada disso, ainda é possível pensar, e sem o pensamento, a imaginação e a literatura não existiriam (Macy, 1967).

De acordo com Macy¹² (1967), os egípcios foram os criadores da escrita, eles foram os indutores dos antigos povos da Europa a consolidar o pensamento por sinais e símbolos escritos, enquanto isso, os fenícios inventaram o alfabeto, possivelmente a mil anos antes de Cristo, quando o papiro era popular. Como comerciantes, os fenícios faziam negócios com os egípcios e compravam o papiro para revendê-lo aos gregos e outros povos, assim disseminando o alfabeto.

Inicialmente, antes da literatura escrita ou impressa existir, a literatura oral, que hoje é estudada pelos antropólogos, poderia ser chamada de mito. Os Mitos antigos eram cheios de Deuses e criaturas fantásticas, que auxiliavam as pessoas a dar sentido ao mundo. Os mitos evoluíram para os épicos com seus grandes heróis lutando por seu povo e seus ideais. As tragédias dramáticas deram forma aos materiais brutos dos mitos, lendas e épicos, as tragédias trazem aos indivíduos questionamentos sobre o propósito da vida e o que torna alguém humano (Sutherland¹³, 2019).

Na atualidade, a literatura indica algo impresso, o que foi disponibilizado por Gutenberg¹⁴, em 1450, no entanto, embora a imprensa seja nova, a humanidade já gravava suas escrituras há muito tempo. O papel foi inventado pelos chineses e mais tarde teve seu

¹¹ "literatura", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008 – 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/literatura>. Acesso em: 09 de ago. de 2023.

¹² John Albert Macy, foi um escritor, editor e crítico literário americano.

¹³ John Andrew Sutherland é um acadêmico, colunista de jornal e autor britânico.

¹⁴ Johann Gutenberg, conhecido como “pai da imprensa”, no ano de 1450, trouxe a ideia de utilizar móveis que podiam ser colocados em fileiras para formar linhas e páginas, a partir de uma presa.

processo de criação aprendido pelos árabes que transmitiram esse conhecimento aos povos do ocidente. No século XIV, já havia papel em vários lugares da Europa, no entanto, devido ao processo lento de produção, esse material era pouco abundante e em sua maior parte propriedade de estudiosos e eruditos.

No fim do século XV, surgiu o teatro moderno com a impressão, na Inglaterra, as peças evoluíram de rituais religiosos popularizados no período de Páscoa e antecedeu a chegada de Shakespeare¹⁵ e outros dramaturgos. Mais tarde vieram os episódios históricos, mistérios com suspenses arrepiantes e horror que deixam os leitores apreensivos, talvez, alguém prefira escritos religiosos ou textos científicos.

Eagleton¹⁶ (2006), em “Teoria da literatura: uma introdução”, diz que existem várias formas de definir literatura, uma delas é que existe a escrita imaginativa no sentido de ficção e que embora ela não seja literalmente verídica proporciona uma experiência mais próxima ao leitor, entretanto, ao longo dos anos o que se entende por literatura muda constantemente. As peças de William Shakespeare escritas nos séculos XVI e XVII, são entendidas e apresentadas de forma diferente de quando o autor as criou e, é necessário ter em mente que para alguns é mais importante estudar a maneira como os temas são discutidos do que o que é discutido.

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (Candido¹⁷, 2000, p.68).

Há vários tipos de expressão da literatura¹⁸: poemas, contos, fábulas, peças teatrais, romances, textos didáticos, biografias e diários, literatura não é nada objetivo, o sentido do que se lê é atribuído pelas pessoas que leem. A literatura desempenha um papel importante na preservação da história e da cultura de um povo. A maneira como o indivíduo escolhe ler e não necessariamente a natureza do que foi escrito e a ideia inicialmente proposta pelo autor, sua essência, pode atribuir valor significativo ao indivíduo para apoiar suas crenças, visão de

¹⁵ William Shakespeare foi um poeta, dramaturgo e ator inglês.

¹⁶ Terry Eagleton, é um filósofo, professor e crítico literário britânico. Eagleton é um dos pais dos Cultural Studies - escola que emergiu na Inglaterra, nos anos de 1950, tendo como referência a transposição das coordenadas estéticas e éticas associadas à crítica literária, para a prática das culturas populares. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/descubra/pensadores/exibir/terry-eagleton>. Acesso em: 09 de ago. de 2023.

¹⁷ Antônio Candido de Mello e Souza foi um sociólogo, crítico literário e professor universitário brasileiro.

¹⁸ Abrange uma variedade de formas criativas através das quais os escritores podem transmitir suas ideias, emoções e narrativas.

mundo, entretenimento, sentimento ou os desafios enfrentados pelas pessoas em determinado contexto histórico.

Como disse Sutherland (2019, p.91), “Os seres humanos são animais contadores de histórias”.

A Literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o a conhecê-lo melhor (Zilberman¹⁹, 1985, p. 22).

As obras produzidas influenciam os leitores a partir de sua ideologia com um conjunto de ideias, valores, opiniões e crenças. A maneira como a informação é recebida pelo leitor influencia a tomada de decisão do autor e o desenvolvimento de suas ideias, a partir disso, é possível notar que a literatura estabelece relações com a produção de sentido da sociedade e cultura em que ela surge, sendo assim uma interpretação da realidade.

3.1 Temas Literários e a Ficção de Fantasia

Os gêneros literários²⁰, desempenham um papel importante na organização e compreensão da produção literária, nela se busca “reunir as obras literárias e classificá-las de acordo com características semelhantes” (Lima, 2019, p.14). Eles auxiliam como ferramentas para classificar e analisar obras literárias com base em suas características, permitindo que os leitores tenham uma ideia geral do que podem esperar de uma determinada obra.

Intercalado aos gêneros literários estão os temas literários, esses são ideias, questões ou mensagens recorrentes que permeiam uma obra literária, com a função de explorar diversos assuntos por meio de histórias e personagens. Permitindo assim que os leitores se conectem emocionalmente e reflitam sobre a condição humana e o mundo ao seu redor. A ficção na literatura é um gênero que envolve a criação de narrativas, personagens e eventos imaginários, que não são baseados em fatos.

Por causa também deste aspeto crucial do relato fictício, e também por causa de suas intenções de sua resolução prática, da posição singular de seu autor entre os imperativos de um saber objetivo e as turbulências da subjetividade, podemos definir

¹⁹ Regina Zilberman é uma pesquisadora, escritora, ensaísta e professora brasileira.

²⁰ A teoria dos gêneros literários é chamada de “genologia” .

de modo global a ficção como uma *antropologia especulativa* (Saer²¹, 1997, *apud* Pereira, 2011, p.109120, grifo do autor).

A ficção de fantasia é um dos temas literários mais populares. Ele inclui elementos mágicos, sobrenaturais e mundos imaginários em sua narrativa. Para Mendlensohn & James (2012 *apud* Arantes, 2016), a maneira como os leitores se relacionam com a fantasia e sobrenatural varia, por essa razão não há como definir fantasia de uma única maneira. Os autores identificaram quatro formas: O portal, ao adentrar o mundo da fantasia desconhecido e que se precisa do ponto de vista do protagonista para conhecer o mundo. A ficção de fantasia imersiva, no qual o mundo onde se passa a história não é explicado, o leitor é enviado a esse universo já construído. A ficção de fantasia intrusiva, onde o mundo se desenvolve de maneira natural e há uma invasão do elemento sobrenatural na história. O último tipo de ficção de fantasia é o fantástico, despertando a curiosidade do leitor sobre monstros e criaturas que não existem, mas se tornam realidade no contexto do enredo.

No século XX, obras como *O Maravilhoso Mágico de Oz* (1900), de L. Frank Baum, *As Crônicas de Nárnia — O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (1950), de C. S. Lewis, *O Senhor dos Anéis* (1954), de J. R. R. Tolkien, *O Feiticeiro de Terramar* (1968), de Ursula K. Le Guin, *As Brumas de Avalon* (1979), de Marion Zimmer Bradley, *A Bússola de Ouro* (1995), de Philip Pullman, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997), de J.K. Rowling, popularizaram mais uma vez os romances fantásticos, criando empatia e identificação com os personagens.

O que torna a fantasia interessante é o imaginário do leitor, a forma como a narrativa o incentiva a colocar-se no lugar dos personagens, situações e ambientes descritos na obra. Para Dryden (1631 – 1700 *apud* Fritsch; Rocha; Zilberman, 2022), a fantasia pode ser considerada a manifestação do sonho, mas não necessariamente o desprendimento da realidade, um local no espaço onde é possível assumir o papel de herói protagonista ou até mesmo utilizar o ambiente e inserir a si na história. No entanto, nesse local as pessoas ainda precisam comer, dormir, interagir com outros seres e possuem nuances individuais.

A forma mais comum de interação entre literatura e fantasia são os *Contos de Fada*, esses criados, principalmente oralmente para passar orientações e dar avisos sobre os perigos do mundo, a partir de experiências e costumes do povo local. Histórias como: *Chapeuzinho Vermelho*, foram modificadas e adaptadas para se adequar ao gosto do público, explicando o

²¹ Juan José Saer foi um escritor e ensaísta argentino. O conceito de ficção de Saer, foi escrito pela primeira vez em 1989 e posteriormente publicado no livro “O Conceito de Ficção”.

fato de haver tantas versões das mesmas histórias e acontecimentos comuns em grandes narrativas históricas.

Em “Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis (2007)” dos autores Diana e Mário Corso, é apresentada uma versão breve de *Chapeuzinho Vermelho*, um clássico escrito por Charles Perrault²² a partir da tradição oral do século XVII:

Certo dia, a mãe de uma menina mandou que ela levasse um pouco de pão e leite para sua avó. Quando caminhava pela floresta, um lobo aproximou-se e perguntou-lhe onde ia.

- Para a casa da vovó.
- Por qual caminho, o dos alfinetes ou o das agulhas?
- O das agulhas.

O lobo seguiu pelo caminho dos alfinetes e chegou primeiro à casa. Matou a avó, despejou seu sangue numa garrafa, cortou a carne em fatias e colocou numa travessa. Depois, vestiu sua roupa de dormir e deitou-se na cama, à espera.

Pa, pam.

- Entre, querida.
- Olá, vovó. Trouxe um pouco de pão e leite.
- Sirva-se também, querida. Há carne e vinho na copa.

A menina comeu o que foi oferecido, enquanto um gatinho dizia: *"menina perdida! Comer a carne e beber o sangue da avó!"*

Então, o lobo disse:

- Tire a roupa e deite-se comigo.
- Onde ponho meu avental?
- Jogue no fogo. Você não vai precisar mais dele. Para cada peça de roupa (...) a menina fazia a mesma pergunta, e a cada vez o lobo respondia:
- Jogue no fogo... (etc).

Quando a menina se deitou na cama, disse-

- Ah, vovó! Como você é peluda!
- É para me manter mais aquecida, querida.
- Ah, vovó! Que ombros largos você tem! (etc, etc, nos moldes do diálogo conhecido, até o clássico desfecho):
- Ah, vovó! Que dentes grandes você tem!

É para comer melhor você, querida.

E ele a devorou! (Corso, Diana L; Corso, Mário, 2007, p.7, grifo do autor).

Podemos observar a partir do trecho acima que embora alguns pontos da narrativa tenham se mantido, nos últimos séculos a função a qual as histórias eram contadas mudou e tomou tons de alerta aos perigos aos quais as crianças podem estar expostas durante o crescimento. Nesse sentido, mesmo que os antigos contos da tradição oral tenham sido suavizados, o que os pais estão dispostos a contar para as crianças no século XXI certamente divergem da forma como eram expressos nos séculos XIX ou XX.

Quando se trata de romances de fantasia, os pioneiros nesse estilo podem ser considerados Daniel Defoe (1660 – 1731) e Jonathan Swift (1667 – 1745), sendo suas grandes obras o realista *Robinson Crusóé* (1719), de Defoe, publicado como um diário de viagem que

²² Charles Perrault foi um escritor e poeta francês do século XVII que ficou conhecido como: "Pai da Literatura Infantil".

diziam ser escrito pelo próprio Crusoé. Este “diário de viagem” ficou bastante famoso na época por contar as aventuras de um náufrago inglês e suas tentativas de sobreviver a todo o seu infortúnio, o problema é que as pessoas que o compraram acreditaram que era uma história real. Swift, aproveitando-se do sucesso que Defoe conseguiu com *Robinson Crusoé*, publicou *As Viagens de Gulliver* (1726) poucos anos depois. O livro, quando publicado, apresentava-se como um legítimo “relato de viajante”, e as pessoas acreditaram nisso, seguindo as coincidências com a realidade e a possibilidade do ocorrido com que se depararam em *Robinson Crusoé*.

E tudo isso nos traz ao fenômeno da *Saga Harry Potter*, inicialmente publicada por J.K Rowling, em 1997, que impactou uma geração inteira de leitores e ainda influencia o estilo de escrita e narrativa de várias pessoas do campo da indústria literária.

3.2 A Autora da Saga Harry Potter, J. K. Rowling

Joanne Rowling (1965), conhecida como J. K. Rowling, é uma escritora britânica, autora da saga *Harry Potter*, nascida em Yate, Inglaterra, no dia 31 de julho de 1965. Filha de Peter James Rowling e de Anne Volant passou sua infância na cidade de Chepstow.

Gostando de livros desde pequena, a jovem Rowling desejava ser escritora, seguindo esse desejo ela se formou em Línguas Clássicas e Literatura Francesa na Universidade de Exeter. Após isso, passou um ano na França fazendo curso de especialização. Quando voltou à Inglaterra trabalhou como pesquisadora da Anistia²³.

Em 1991, deixou o cargo de pesquisadora e foi morar em Portugal, na cidade de Porto, para lecionar inglês, mas nunca parou de escrever. A livraria que ela frequentava, “Livraria Lello²⁴”, serviu de inspiração para criação da “Flores e Borrões”, o local onde os alunos compravam os livros escolares para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

Entre 1992 e 1993, Rowling conheceu seu primeiro marido e teve uma filha, entretanto, pouco depois do nascimento da menina, o casal se separou e ela e sua filha foram morar em Edimburgo, a capital da Escócia.

A ideia para escrever *Harry Potter* surgiu durante uma viagem de trem entre Manchester e King's Cross. Segundo Rowling (2004): “A história foi concebida num repente.

²³ Amnistia Internacional do Reino Unido é uma entidade dupla composta por duas organizações distintas, a Secção da Amnistia Internacional do Reino Unido e a Amnistia Internacional do Reino Unido Charitable Trust. A entidade trabalha para proteger as pessoas onde quer que a justiça, a liberdade, a verdade e a dignidade sejam negadas.

²⁴ A Livraria Lello situa-se no Centro Histórico da cidade do Porto, em Portugal.

Fui obrigada a pensar nela durante as quatro horas que durou a viagem, pois não tinha caneta nem papel e tive vergonha de pedir emprestado”²⁵.

3.3 Explorando o Mundo Mágico: O Enredo de Harry Potter e seus Personagens

A saga *Harry Potter*, criada pela autora britânica J.K. Rowling, é um dos maiores fenômenos literários e cinematográficos mundiais. A história possui personagens envolventes, bom enredo e uma ótima construção de mundo. As histórias do mundo mágico de Rowling venderam mais de 600 milhões de livros e arrecadaram 8 bilhões de dólares com seus filmes.

Ao longo dos sete livros, sendo esses: *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997), *Harry Potter e a Câmara Secreta* (1998), *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (1999), *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000), *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003), *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2005) e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007). Esses livros, compõem a saga principal, que conta a história de Harry, são abordados temas como amor, amizade, coragem, preconceito, sacrifício e morte. Temas esses que atraem os leitores ao longo da obra pela maneira como são mostrados, mesmo as questões sutis guardam sentimentos crus, à primeira vista algumas coisas podem passar despercebidas, mas os problemas fora de tela chamam atenção.

Em síntese, a saga *Harry Potter* é um exemplo de como uma história bem contada pode transcender a ficção e fazer os leitores se enxergarem nos personagens, refletir sobre eles e demonstrar empatia. Muitas pessoas cresceram com essas histórias e acompanharam o crescimento dos personagens desde que tinham a mesma idade que eles. Mesmo que os livros tenham sido publicados há mais de 20 anos, a série se mantém relevante até hoje e influencia gerações. Lembrando, obviamente, que são histórias que refletem os pensamentos reais influenciados por um tempo histórico e uma cultura.

3.3.1 *Harry Potter: O Menino Que Sobreviveu*

Harry Tiago Potter (31 de julho de 1980 –)²⁶, filho de Lílian Evans e Tiago Potter, é apresentado como um órfão que aos 11 anos descobre que é um bruxo e recebe uma carta convidando-o a estudar na escola de magia e bruxaria de Hogwarts. Após ser negligenciado

²⁵ Entrevista dada à Revista SUPERINTERESSANTE. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/a-bruxa-que-criou-harry-potter>. Acesso em: 10 ago. 2023.

²⁶ A escrita sobre os personagens foi construída com base no entendimento da obra pela autora deste trabalho.

por 10 anos e tratado com um incômodo, o garoto logo se interessa pela possibilidade de escapar de seus parentes:

— Eu sou o quê?

— Um bruxo, é claro, e um bruxo de primeira, eu diria, depois de receber um pequeno treino

— Rúbeo²⁷, acho que você deve ter cometido um engano. Acho que não posso ser um bruxo (Rowling, 2015, p. 53-59).

Como um bruxo, Harry descobre um novo mundo que existe escondido dos humanos comuns, esses, chamados na história de “trouxas”. Na escola, o menino faz amigos, aprende magia e enfrenta o bruxo das trevas Voldemort, que assassinou seus pais e no passado falhou em matá-lo.

No segundo ano escolar, Harry retorna a Hogwarts e ao longo do ano se depara com um mistério, a Câmara Secreta foi aberta, liberando um monstro que está petrificando alunos. Harry e seus amigos Hermione Granger e Ronald Weasley investigam o mistério e enfrentam o herdeiro de Salazar Slytherin²⁸.

No ano seguinte, Harry descobre que Sirius Black escapou da prisão de Azkaban e o bruxo perigoso está procurando por ele. Nesse livro, é descoberto mais sobre os pais de Harry e a verdade sobre suas mortes e além de enfrentar um novo monstro na escola.

No quarto ano, Harry é escolhido para participar do Torneio Tribuxo, uma competição de magia entre três escolas. No entanto, ele descobre que Voldemort está planejando seu retorno e deve enfrentar seus servos leais para sobreviver.

Em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, Harry, volta para Hogwarts para enfrentar uma nova professora escolhida pelo ministério da magia para observar o funcionamento de Hogwarts e com a função de negar a volta do Lorde das Trevas. Enquanto isso, um grupo de bruxos chamado, a Ordem da Fênix, se reúne para combater Voldemort e seus seguidores.

No sexto livro, Harry volta a Hogwarts e descobre um livro misterioso que pertenceu a um príncipe meio-sangue. É nesse livro que o personagem Severo Snape se torna mais aprofundado. Durante o ano, Harry recebe aulas particulares de Dumbledore sobre o passado de Voldemort e se prepara para a guerra e sua posição como salvador.

²⁷ Rúbeo Hagrid é o guarda caça de Hogwarts, conseguiu esse emprego por meio de Dumbledore após um problema ocorrido em seu tempo na escola.

²⁸ Um dos quatro fundadores da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

No último livro da saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, o protagonista e seus amigos Ron e Hermione saem em uma missão de extrema importância, visando encontrar e destruir as Horcruxes, objetos que contêm fragmentos da alma de Voldemort. Durante o trajeto que se estende há vários meses, eles enfrentam grandes perigos e conhecem a história das Relíquias da Morte, objetos poderosos que supostamente quando reunidos tornam seu proprietário o mestre da morte. A história culmina em uma grande batalha final entre Harry e seus amigos contra Voldemort e seus seguidores, os chamados Comensais da Morte. Nesse confronto, Harry deve enfrentar seu destino e decidir o futuro do mundo bruxo.

No final da história, Harry se casou com Ginevra "Gina" Weasley, irmã de seu melhor amigo Rony, após a derrota de Voldemort. No epílogo, "Dezesseis anos depois", é revelado que os dois tiveram três filhos: Tiago Sirius Potter, Alvo Severo Potter e Lílian Luna Potter.

3.3.2 Ronald Weasley: O Amigo Leal

Ronald "Rony" Abílio Weasley (*1º de março de 1980* –), nasceu em uma família de bruxos. Ele é o menino mais novo e sexto filho de Arthur e Molly Weasley. Na sociedade bruxa, sua família é conhecida por ser bastante pobre e ter tantos filhos que mal podem mantê-los, mas eles são muito unidos e cresceram em um ambiente amigável e com cumplicidade.

Rony conheceu Harry na plataforma 9 $\frac{3}{4}$, quando ambos estavam indo para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Sua família o ensinou a entrar na plataforma e eles fizeram amizade quando se encontraram no trem, os garotos se tornaram amigos e mais tarde Rony, Harry e Hermione juntos ficaram conhecidos como "Trio de Ouro".

Durante seu tempo na escola, Rony mostrou ser um aluno preguiçoso que faz seus deveres na última hora e um aluno mediano em magia, mas também um excelente jogador de xadrez, bruxo e estrategista. Ele também conquistou a posição de monitor da Grifinória e foi um membro da equipe de quadribol²⁹, na posição de goleiro.

Embora tenham existido alguns desentendimentos ao longo dos anos, a amizade do trio de ouro se manteve firme, e Rony esteve presente para ajudar em vários momentos. Contribuiu na luta contra o Lorde das Trevas, Voldemort, ao lado de Harry e Hermione, ajudando a destruir horcruxes e enfrentando Comensais da Morte. Rony, mais tarde, se casou com sua amiga Hermione, e eles tiveram dois filhos: Rosa e Hugo Weasley.

²⁹ Esporte mágico jogado em vassouras voadoras.

3.3.3 *Hermione Granger: A Bruxa Mais Inteligente da sua Época*

Hermione Jean Granger (*19 de setembro de 1979 –*), nasceu em Londres, na Inglaterra, filha dos trouxas (pessoas não mágicas), Sr. e Sra. Granger. Desde cedo, Hermione mostrou um grande interesse pelos estudos, sendo sempre uma aluna modelo e cumpridora de regra. Quando descobriu que era uma bruxa aos 11 anos, ela ficou animada para começar seus estudos na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e curiosa quanto a tudo que poderia aprender.

Na escola, Hermione rapidamente se destacou como uma das melhores alunas da sua turma, mas como uma criança não mágica e sentia necessidade de se provar, a garota era um pouco insistente quanto a acreditar que sempre estava certa sobre todos os assuntos, inicialmente, isso a afastou das outras crianças. Ela se tornou amiga de Harry Potter e Rony Weasley, depois deles terem salvado sua vida em incidente na escola. “Mas daquele momento em diante, Hermione Granger tornou-se amiga dos dois. Há coisas que não se pode fazer junto sem acabar gostando um do outro, e derrubar um trasto montanhês de quase quatro metros de altura é uma dessas coisas” (Rowling, 2015, p.172).

Além de inteligente e habilidosa, Hermione era uma grande defensora das causas que acreditava. Lutou pelos direitos dos elfos domésticos quando soube sobre os maus tratos direcionados à sua espécie e deu a ideia que levou à formação do Clube de Defesa Contra as Artes das Trevas, Armada de Dumbledore (AD), em seu quinto ano na escola. A intenção era ensinar os alunos a se defenderem, pois o Ministério da Magia estava negando o retorno do Lorde das Trevas.

Após se formar em Hogwarts, Hermione trabalhou no Ministério da Magia, durante algum tempo, na Divisão de Aplicação da Lei Mágica, lutando pelos direitos dos elfos domésticos e dos nascidos trouxas, e se tornou a Ministra da Magia e a primeira pessoa nascida trouxa a ocupar o cargo na Grã-Bretanha. Ela se casou com Rony Weasley e teve dois filhos, Rose e Hugo Weasley.

3.3.4 *Tom Riddle – Lorde Voldemort: Você-Sabe-Quem?*

Tom Servoleo Riddle (*31 de dezembro de 1926 – 2 de maio de 1998*), nasceu em Londres, filho de Mérope Gaunt (*bruxa*) e Tom Riddle (*trouxa*), e morreu como Lorde das

Trevas Voldemort (você-sabe-quem ou aquele que não deve ser nomeado), o bruxo das trevas mais poderoso e temido de todos os tempos.

Sua mãe, Mérope, vivia em uma cidade pequena com o pai e o irmão abusivos. Pela consanguinidade, os membros de sua família não possuíam muito poder mágico. Mesmo sendo de uma antiga linhagem puro-sangue da Grã-Bretanha e descendentes de Salazar Slytherin, um dos quatro criadores e diretores da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, eles não possuíam uma posição na sociedade.

Mérope se apaixonou por Tom, um trouxa, o que era horrível e uma vergonha para sua família. Em algum momento em 1926, Mérope conseguiu fazer uma poção do amor e conseguiu que Tom a ingerisse. Eles se casaram e ela ficou grávida logo depois. Quando Tom Riddle foi liberado do encantamento, ele descobriu o que a esposa havia feito e que estava casado com uma bruxa, nesse momento Tom deixou sua esposa e nunca mais a viu.

A Senhora Riddle, não tinha para onde ir e vagou até chegar a Londres, onde fez o possível para sobreviver, até mesmo vendendo uma relíquia de família a preço baixo. Infelizmente, ela não resistiu e morreu pouco após o parto, tendo tempo apenas para nomear seu filho.

Tom Servoleo Riddle, cresceu em um Orfanato em Londres chamado *Wool*. Tom possuía extrema habilidade e controle mágicos desde tenra idade. Lá havia boatos sobre Tom desde que ele era pequeno, sobre como era uma criança estranha ou sobre acidentes que envolviam as crianças que eram más com ele.

Em 1938, o Professor Alvo Dumbledore visitou Tom, no orfanato, para explicar que ele era um bruxo e que estava convidado a participar de Hogwarts. Tom, no início, achou que ele fosse alguma espécie de médico ou psiquiatra que iria levá-lo para um asilo devido ao que os funcionários do orfanato haviam testemunhado. Nessa visita, duas coisas significativas ocorreram. Dumbledore pediu que os brinquedos e outras coisas que Tom havia roubado fossem devolvidas e que ele pedisse desculpas, dizendo que ele poderia saber se ele havia cumprido a ordem ou não. Foi também nessa visita que Tom confessou que podia falar com cobras, o que a criança não sabia é que em vários locais essa habilidade é tida como praticada por poucas linhagens e está vinculada a magia das trevas.

O garoto sempre teve o desejo de ser grande e especial separando-se dos outros, ele detestava seu nome por ser comum, o garoto acreditava que sua mãe não poderia ser uma bruxa, pois se fosse poderia ter evitado morrer. Descobrir a magia e a explicação de seus poderes, para Tom, foi apenas uma justificativa do quanto ele se diferenciava dos outros.

Tom estudou na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts de 1938 a 1945, lá ele foi selecionado para a Casa Sonserina, a casa fundada por seu ancestral Salazar Slytherin. Durante as férias de verão, ele não tinha escolha senão retornar ao orfanato trouxa, que ele desprezava e temia. Durante seu tempo na escola ele aprendeu a evitar e ter medo de Dumbledore, o bruxo sempre parecia estar de olho nele. Tom era considerado pela maioria um bom garoto, estudioso e promissor, apesar de bastante quieto. Em seus anos em Hogwarts, ele reuniu jovens bruxos para o que chamaria mais tarde de “Comensais da Morte”.

Ainda na escola, ele descobriu sobre sua família e abriu a Câmara Secreta. A câmara possui um basilisco³⁰ como guardião, uma cobra gigantesca com olhos que trazem a morte ou indiretamente transformam aqueles que a olham em pedra. Diz-se que era o familiar de Salazar e estava ali para livrar a escola dos nascidos trouxas. Por acidente, uma estudante morreu (*Murta Warren*) e devido a todos os ataques com pessoas petrificadas ao longo do ano, a escola estava à beira de fechar. Tom, com medo de ser obrigado a voltar para o mundo trouxa, incriminou outro aluno. O meio gigante Hagrid foi acusado e proibido de fazer magia. Não acreditando que Hagrid conseguisse abrir a câmara e por todos em perigo, Dumbledore observou Tom ainda mais, já que foi ele que o denunciou.

Em 1943, após pesquisar mais sobre a família de sua mãe, Tom foi a Little Hangleton, no Barraco dos Gaunt a onde encontrou seu tio Morfino e conversou brevemente, descobrindo que a família de seu pai estava viva e possuía a mansão acima da colina. Indo até lá, Tom os confrontou sobre a razão de terem o abandonado, não satisfeito com a situação, ele assassinou seu pai e avós, logo depois incriminou seu tio a respeito do ocorrido.

Foi em Hogwarts que Tom Riddle descobriu sobre as Horcrux. Estas são objetos capazes de conter parte da alma de alguém, assegurando dessa maneira a "imortalidade". Pois, se a pessoa que fez a horcrux morrer, ela terá a oportunidade de voltar à vida por meio do objeto ao qual está ancorada.

Riddle, antes de se formar, enfeitiçou Helena, o fantasma da filha de Rowena Ravenclaw (uma dos quatro fundadores de Hogwarts) e a obrigou a dizer onde estava escondido o diadema de sua mãe, após conseguir a informação ele foi para a Albânia. Tempos

³⁰ A descrição dada pela autora em *Harry Potter e a Câmara Secreta* é a seguinte: Das muitas feras e monstros medonhos que vagam pela nossa terra, não há nenhum mais curioso ou mortal do que o basilisco, também conhecido como rei das serpentes. Esta cobra, que pode alcançar um tamanho gigantesco e viver centenas de anos, nasce de um ovo de galinha, chocado por uma rã. Seus métodos de matar são os mais espantosos, pois além das presas letais e venenosas, o basilisco tem um olhar mortífero, e todos que são fixados pelos seus olhos sofrem morte instantânea. As aranhas fogem do basilisco, pois é seu inimigo mortal, e o basilisco foge apenas do canto do galo, que lhe é fatal (Rowling, 2015, p. 284).

mais tarde, Riddle, tentou conseguir um emprego como professor em Hogwarts após se formar, entretanto, por ser muito jovem, o diretor não o aceitou.

Nesse período da história, Tom já possuía algumas horcrux e ainda não estava satisfeito, ele tinha como artefatos: seu diário, o anel da família Gaunt, e o diadema de Rowena Ravenclaw. Mais tarde, ele ainda conseguiria a taça de Helga Hufflepuff (outra dos quatro fundadores) e o Medalhão de Salazar Slytherin, seu ancestral, estes dois conseguidos a partir do assassinato de Hepziba Smith enquanto ele trabalhava em uma loja que vendia artefatos mágicos. O período em que Tom trabalhou na loja surpreendeu a todos, ao ser convidado para diversos empregos no Ministério da Magia e os rejeitou.

Tom desapareceu por dez anos, viajando por diversos lugares e aprendendo bastante sobre história e magia. Então, mais uma vez ele pediu um emprego em Hogwarts e foi rejeitado, dessa vez pelo atual diretor, Alvo Dumbledore, que havia ouvido diversos boatos ruins a seu respeito e sabia que Tom não queria realmente ensinar. Ele já está reunindo seguidores e simpatizantes para seus ideais.

Seus seguidores, os chamados Comensais da Morte, estavam divididos naqueles que queriam dominar os trouxas e nascidos trouxas, os que queriam poder, riqueza e fama, e aqueles que se juntaram por medo, feitiço ou chantagem. Voldemort, como a maioria o conhecia, agora os considerava como servos e muitos eram incontroláveis, usando maldições imperdoáveis a todo instante.

Motivado por ouvir parte de uma profecia que previa sua destruição final, Voldemort foi em busca da criança que se encaixava nos requisitos. “Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar do sétimo mês [...]” (Rowling, 2015, local. 931).

Sua queda aconteceu quando ele tentou matar Harry Potter, um bebê que ficou posteriormente conhecido como o único a sobreviver à maldição da morte. Depois de uma série de batalhas que aconteceram ao decorrer dos anos escolares de Harry, o garoto conseguiu destruir todas as Horcruxes de Voldemort e o derrotou finalmente em um confronto final na Batalha de Hogwarts.

3.3.5 Alvo Dumbledore: O Mentor

Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore (1881 – 1997), nasceu na vila de Mould on the Wold, na Inglaterra. Ele era o filho mais velho de uma família de bruxos, e teve uma infância complicada porque sua irmã, Ariana, era uma bruxa com magia instável. Isso

aconteceu, pois Ariana enquanto pequena foi atacada por meninos trouxas e seu pai se vingou pelo que aconteceu com a filha. Por causa dessa ocorrência, o Sr. Dumbledore foi preso e sua esposa e filhos se mudaram para Godric Hollow.

Dumbledore possuía grandes aspirações e teve que cuidar de seu irmão e irmã quando sua mãe morreu em um ataque causado pela magia de Ariana. Quando Alvo tinha dezessete anos, uma discussão entre ele, seu irmão Aberforth e Gerardo Grindelwald, um jovem bruxo por quem Dumbledore estava apaixonado e compartilhava ideias para dominar o mundo, resultou na morte acidental de Ariana. Isso deixou Dumbledore com uma grande culpa e remorso, e moldou sua vida e propósito.

Dumbledore é considerado um dos bruxos mais poderosos e respeitados de sua geração, tornando-se professor de Transfiguração em Hogwarts, a escola de magia e bruxaria mais importante da Grã-Bretanha. Alvo ficou conhecido em todo o mundo em 1945 quando venceu Gerardo Grindelwald em um duelo, dando fim à Guerra Bruxa que estava assolando o mundo. Ele foi nomeado Diretor de Hogwarts em 1956, e permaneceu nesse cargo até 1997, quando foi morto por Severo Snape.

Ao longo de sua vida, Dumbledore foi uma figura importante, diretor de uma escola famosa, chefe de audiências em tribunais e do conselho mundial da magia, o bruxo lutou contra o preconceito contra bruxos e trouxas, e se opôs ao uso da magia para fins malignos. Durante a primeira guerra bruxa, ele fundou a Ordem da Fênix, um grupo secreto de bruxos que lutaram contra Voldemort e seus seguidores. Dumbledore também era um grande amigo e mentor de Harry Potter, ajudando-o a entender sua conexão com Voldemort e o ensinando a compreender seu inimigo, preparando-o em sua jornada para destruir os horcruxes. *Em Harry Potter e a Câmara Secreta (2015)*, segundo livro da Saga, Dumbledore disse a Harry: “São nossas escolhas, Harry, que mostram o que realmente somos, muito mais do que nossas habilidades”.

Dumbledore era conhecido por sua sabedoria, habilidade mágica, influência e luta pelo “bem maior”. No entanto, ele também era um homem solitário que guardava muitos segredos e que estava disposto a correr algum perigo e fazer sacrifícios para proteger o mundo mágico, em geral.

Essa dualidade que compõe o personagem de Dumbledore como alguém sábio e altruísta, mas também como solitário e com segredos, ressoa com muitos com os mistérios encontrados na literatura de fantasia, especialmente na saga *Harry Potter*. Ao explorar essas nuances dos personagens, somos desafiados a considerar não apenas suas ações, mas também suas motivações e o contexto moral em que operam. Essa reflexão nos convida a olhar além

das representações do *bem* e do *mal* e a reconhecer a complexidade da natureza humana e das questões éticas que permeiam não apenas a ficção, mas também nossa própria realidade. Dito isso, aprofundaremos a discussão no capítulo seguinte que contará especialmente com a análise da obra, além da descrição do percurso metodológico dessa pesquisa.

4 EXPLORANDO O BEM E O MAL NA NARRATIVA

O presente capítulo, apresenta os procedimentos metodológicos utilizados durante essa pesquisa, a qual é qualitativa, de natureza bibliográfica e utilizou o método de análise de conteúdo. Serão utilizadas inferência³¹ e interpretação das interações entre o protagonista Harry Potter e o antagonista Lorde Voldemort, da série de livros *Harry Potter*, tendo a história principal, que será analisada, composta por sete livros: *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997), *Harry Potter e a Câmara Secreta* (1998), *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (1999), *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000), *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003), *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2005) e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007).

Acerca da pesquisa de natureza bibliográfica, Prodanov; Freitas (2013, p.54), explicam que:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar.

No que se refere ao objetivo geral, este trabalho visa compreender o conceito de *bem* e *mal* produzido na obra ficcional *Harry Potter* a partir dos encontros Harry Potter e Lorde Voldemort. Seguindo esta perspectiva, os objetivos específicos destinam-se a: contextualizar a obra *Harry Potter*; definir os conceitos de *bem* e *mal*, e interpretar, as interações entre o protagonista e o vilão da obra sob uma perspectiva psicológica e filosófica.

A análise de conteúdo, é uma abordagem metodológica amplamente utilizada na pesquisa social e nas ciências humanas. Sendo ela um método de interpretação de dados presente em pesquisas quantitativas e qualitativas, marcada pela oscilação entre dados numéricos e relatos subjetivos. A pesquisa qualitativa tem vários caminhos a serem seguidos e seu método de análise mais comum é a análise de conteúdo.

Marconi e Lakatos (2011, p. 269) descrevem que:

O método qualitativo difere do quantitativo não só por não empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise dos dados. A metodologia

³¹ Inferência é o processo no qual uma afirmação é feita a respeito de algo desconhecido, tendo como base uma observação.

qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.

No desenvolvimento de pesquisa qualitativa se expõem fenômenos sendo adicionados significados sem precisar do uso de técnicas e métodos estatísticos. Um exemplo de pesquisa qualitativa seria:

[...], o pesquisador vai a campo buscando "captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (Godoy, 1995, p.21).

Em *Análise de Conteúdo* (2011), estabeleceram-se as bases teóricas e metodológicas para a análise do material proposto nesse estudo. Nesse livro, Bardin³² (2011) define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

Esta definição exemplifica a abordagem sistêmica e aprofundada para a análise de conteúdo. Uma das principais contribuições de Bardin é sua ênfase na sistematização do processo de análise de conteúdo. Foram desenvolvidas uma série de etapas e técnicas para orientar os pesquisadores na análise de dados textuais.

Outro aspecto importante é a diferenciação entre análise de conteúdo qualitativa e quantitativa. A abordagem pode ser aplicada de maneira flexível, permitindo que os pesquisadores escolham entre uma abordagem mais qualitativa, que se concentra na compreensão aprofundada do significado, e uma abordagem mais quantitativa, que envolve a contagem e a classificação de categorias de maneira sistemática. No que diz respeito a esse trabalho, as partes dos livros que foram consideradas por essa autora como importantes, foram marcadas para serem posteriormente copiadas e analisadas.

Também é enfatizada a importância da objetividade na análise de conteúdo. Ela argumenta que os pesquisadores devem ser consistentes e transparentes em suas decisões

³² Laurence Bardin, utilizou as abordagens da *Análise de Conteúdo* na pesquisa psicossociológica e na análise das comunicações de massas.

durante todo o processo de análise, visando reduzir ao mínimo a subjetividade. Isso é alcançado por meio de técnicas como a codificação com vários observadores, onde diferentes analistas aplicam as categorias aos mesmos dados para verificar a confiabilidade dos resultados.

Figura 1 – Etapas da Análise de Conteúdo



Fonte: Benites *et al.* (2016)

Estas etapas incluem a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, com inferência e interpretação. Cada uma dessas etapas é projetada para garantir a validade e a confiabilidade da análise, permitindo aos pesquisadores extrair *insights*³³ significativos dos dados.

A pré-análise prepara os dados para uma análise mais aprofundada. Ela envolve a organização e a preparação dos materiais que serão analisados. No caso do presente estudo, como o objetivo era analisar a obra Harry Potter, o processo iniciou-se com pesquisas de materiais que apoiariam a análise da obra e fariam parte do referencial teórico. Essas pesquisas foram realizadas nas plataformas *Google Acadêmico* e *SciELO*, utilizando as palavras-chave: *literatura, ficção, fantasia, bem, mal, psicologia e Harry Potter*.

Dessa forma, junto à leitura do material de apoio e à leitura dos sete livros que compõem a obra Harry Potter, deu-se início à análise da obra com a codificação. Os materiais que possuíam sumário ajudaram a encontrar segmentos do texto que aumentariam a

³³ A palavra *insight* vem do inglês e indica a capacidade de obter um entendimento intuitivo, preciso e profundo de uma pessoa ou coisa.

compreensão do que poderia ser interpretado dali em diante. Frases e parágrafos destacados, citações e imagens tiveram atenção especial nesse processo.

Prosseguindo a produção deste trabalho, compreendeu-se que era necessário desenvolver os conceitos, no terceiro capítulo, sobre *bem* e *mal* dos pontos de vista *filosófico* e *psicológico*. O que deu sustentação a produção do capítulo 4, que está em questão, o qual apresentará o percurso metodológico e analítico.

Com isso, introduziu-se o conceito de categorização, que desempenha um papel central na análise de conteúdo, pois as categorias são unidades de significado que os pesquisadores utilizam para classificar os dados textuais. As categorias podem ser previamente definidas com base em teorias existentes, ou desenvolvidas durante o processo de análise. Essa categorização auxilia os pesquisadores na identificação de padrões, temas e tendências nos dados, promovendo uma compreensão mais aprofundada do conteúdo em análise.

Nesse momento, o qual faz parte da fase de análise da obra *Harry Potter*, a leitura foi sendo feita junto ao processo de categorização, tendo a noção de *bem* e *mal*, observada a partir da leitura do trabalho de Bloom, assim como, outros conceitos relacionados a eles como fundamento da análise propriamente dita. Durante a leitura, é possível interpretar as ações dos personagens e dar sentido a suas relações. Quando utilizada a inferência, essa pode ser entendida como a maneira pela qual se faz uma conclusão ou afirmação sobre algo que não é diretamente observado, mas é deduzido a partir de informações disponíveis. Na obra, Harry é visto como o herói que personifica o *bem* e representa o lado da luz, demonstrando suas virtudes. Por outro lado, Voldemort é apresentado como o vilão que personifica o *mal* e o lado das trevas, visto que ele busca poder a qualquer custo e, é indiferente à vida alheia.

No próximo tópico, avançaremos para a contextualização das categorias, que foram construídas ao longo desta pesquisa e sua interpretação. Para isso, serão apresentados trechos da narrativa necessários para a análise que se desdobrará ao longo do texto, nos permitindo explorar as nuances e implicações que emergem a partir das categorias estabelecidas.

4.1 Os Confrontos entre O Menino Que Sobreviveu e Você-Sabe-Quem

As categorias foram escolhidas para análise a partir dos encontros do protagonista e antagonista da série e a interação entre eles, contendo a contextualização de suas ações apresentadas. Decidiu-se que as categorias analisadas nesta pesquisa serão examinadas em

torno da relação entre o protagonista e o vilão, devido à semelhança e contradições que cercam os dois personagens, por seguir o que determina o objetivo geral deste estudo.

Tabela 1 – Categorias e Subcategorias da Análise da Obra

Categorias	Subcategorias
1. Representação dos Personagens	<ul style="list-style-type: none"> • A Idealização de Harry Potter como Herói • A Personificação de Lorde Voldemort como Vilão
2. Dinâmica entre Luz e Trevas	<ul style="list-style-type: none"> • O Caráter do Personagem Principal e do Vilão Antagonista

Fonte: elaborada pela autora

Ao longo dos anos na escola de Harry, testemunhamos a evolução dos personagens na narrativa. É possível compreender e interpretar os acontecimentos a partir da perspectiva de Harry, revelando a construção dos personagens, suas transformações e dilemas. Isso instiga os leitores a questionar a complexidade moral dos personagens, o amadurecimento do protagonista e a natureza da dualidade entre luz e trevas. Através dessas reflexões, emergem questões sobre a própria natureza da moralidade e a possibilidade de redenção mesmo nos momentos mais obscuros. A saga de Harry Potter, assim, transcende a simples narrativa de aventura, tornando-se uma rica exploração das nuances do bem e do mal e dos caminhos que cada indivíduo percorre em busca de sua própria integridade moral.

Em seguida, serão discutidas como os personagens principais Harry Potter e o vilão antagonista Lorde Voldemort são representados na obra e a dualidade que eles representam entre o *bem* e o *mal* na narrativa.

4.1.1 Representação dos Personagens

– É, mas o mundo não está dividido entre os bons e os Comensais da Morte – disse Sirius com um sorriso enviesado (Rowling, 2015, p. 343).

O período escolar de Harry Potter é repleto de surpresas e desafios. Desde o momento em que ele pôs os pés em Hogwarts, o jovem percebeu que sua vida nunca mais seria a mesma. A escola de magia e bruxaria era um lugar incrível e misterioso, assim como propenso a conflitos e perigos. Uma constante nesses anos de estudo em Hogwarts era a sombra de Lorde Voldemort pairando sobre Harry. A conexão de Harry com o Lorde das Trevas, devido à tentativa de assassinato enquanto bebê, o tornava um alvo constante de suas maquinações, trazendo ameaças à sua vida e àqueles que estão ao seu redor. Conforme nos aprofundamos na história percebemos que, assim como, no mundo real não existem personagens completamente bons ou maus, as escolhas que os personagens fazem estão mais ligadas ao que consideram correto e o que é mais vantajoso para seus planos e os grupos sociais a que pertencem do que a leis.

A citação de Sirius Black nos leva a refletir sobre a complexidade dos personagens na saga de *Harry Potter* e, por extensão, sobre a própria natureza humana. Assim como Sirius aponta, o mundo não pode ser dividido em categorias simples de bons e maus; há nuances e ambiguidades em cada personagem e em suas escolhas. Essa observação ressoa com a compreensão de que a moralidade possui várias faces e, é influenciada por uma variedade de fatores. Portanto, ao examinar as ações de Harry Potter e Lorde Voldemort e como eles são representados na obra, somos instigados a questionar nossas próprias noções de bem e mal, reconhecendo a importância de considerar contextos e motivações mais profundas.

4.1.1.1 A Idealização de Harry Potter como Herói

São as nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos, muito mais do que as nossas qualidades (Rowling, 2015, p.325).

A idealização de heróis é um conceito narrativo muito antigo que desempenha um papel significativo na cultura e na psicologia humana. Refere-se à tendência de elevar ou reverenciar alguns indivíduos como heróis, atribuindo-lhes qualidades virtuosas como justiça, coragem, bondade, determinação e altruísmo. Os heróis foram apresentados inicialmente nos mitos e épicos, na atualidade, estão presentes na literatura, cinema, e até mesmo na vida cotidiana apresentados como heróis de um povo em prol da luta para mudar a realidade social.

Harry Potter, o protagonista, é considerado um herói no universo de *Harry Potter* por, supostamente, ser aquele que derrotou o lorde das trevas enquanto ainda era um bebê. Harry é o único bruxo conhecido que sobreviveu à maldição da morte, e isso lhe concedeu o título "O Menino que Sobreviveu".

O herói é uma figura arquetípica que reúne em si os atributos necessários para superar de forma excepcional um determinado problema de dimensão épica. O termo se destina originalmente a um protagonista de uma obra narrativa ou dramática (Valle; Telles, 2014, p. 3).

O herói é alguém que reúne atributos excepcionais para resolver problemas significativos. Como dito, anteriormente, por Batson (2014, local.265), “todos os membros da sociedade humana precisam da ajuda uns dos outros, e estão igualmente expostos a ofensas mútuas”. No trecho acima, a ênfase recai sobre a interdependência na sociedade humana. A necessidade de ajuda mútua, ao invés de colocar todo seu peso em uma única pessoa, destaca a importância de indivíduos agindo de maneira altruísta em benefício uns dos outros.

Embora os heróis sejam comumente retratados como figuras perfeitas, na mentalidade do povo, está se desenvolvendo uma tendência na literatura e na mídia de explorar a complexidade dos personagens heroicos, mostrando que eles são tão humanos quanto as pessoas destinadas a salvar, esses materiais podem ser encontrados em livros infanto-juvenis e de maior classificação, assim como filmes e séries de tv . Além disso, são criadas expectativas irrealistas para os indivíduos, uma vez que nenhum ser humano é perfeito.

Os heróis possuem falhas e dilemas morais que adicionam profundidade às histórias e refletem uma compreensão mais realista da natureza humana, como em Harry Potter e as mudanças vistas em suas ideias ao longo dos anos. De um “herói” infantil que deseja vingar os pais e orgulhá-los a um garoto que quer proteger seus amigos e possibilitar que outros da sua espécie sobrevivam. Um herói vingativo não é uma surpresa, principalmente, com seu passado trágico e a conveniência de justificar as ações do herói como boas por buscar o *bem* de todos, embora os fins não justifiquem os meios, os leitores e espectadores possuem uma tendência a se afeiçoar aos personagens trágicos e acreditar que suas ações foram tomadas por justa causa.

Ao mencionar que "é em nome do benefício de todos que nos preocupamos com aqueles que nos cercam", Bloom (2014, local.265) alinha-se com a ideia de que o herói, ao superar desafios épicos, contribui para o benefício coletivo. A ênfase na reciprocidade e na abstenção de tirar vantagem uns dos outros, conforme sugerido, destaca a necessidade de comportamentos éticos para o florescimento da sociedade.

O primeiro encontro entre Harry e Voldemort ocorreu em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, durante o ano letivo é descoberto que alguém está procurando a Pedra Filosofal e isso leva Harry e seus amigos a tentar proteger a escola. Sua principal suspeita é direcionada a

Severo Snape, o mestre mal-humorado de poções de Hogwarts que não esconde seu desgosto por Harry, No entanto, vendo que a segurança do artefato estava ameaçada, os grifinórios Harry, Rony e Hermione seguem o suspeito, ao final da provação, Harry tem uma surpresa:

- Mas pensei... Snape...
- Severo? – Quirrell deu uma gargalhada e não era aquela gargalhadinha tremida de sempre, era fria e cortante.
- É, Severo faz o tipo, não faz? Tão útil tê-lo esvoaçando por aí como um morceirão. Perto dele, quem suspeitaria do c-c-coitado do ga-gaguinho do P-Prof. Quirrell?
- Mas Snape tentou me matar!
- Snape estava tentando me salvar?
- Que perda de tempo, se depois disso vou matá-lo esta noite. Quirrell estalou os dedos. Surgiram no ar cordas que amarraram Harry bem apertado (Rowling, 2015, p.276-277).

Severo Snape³⁴, é um personagem ambíguo na série, levantando frequentemente suspeitas sobre suas verdadeiras intenções. Mesmo quando Harry e seus amigos não possuem provas sobre as ações do professor, suspeita-se que Snape esteja tramando algo contra ele, ou contra outros personagens. O protagonista supõe sobre o professor o tempo todo e isso cria uma atmosfera de tensão e desconfiança entre os dois. Os personagens, muitas vezes, não sabem em quem confiar, especialmente em situações perigosas.

Para Bloom (2014), mesmo que alguém acredite que o ser humano seja inerentemente egoísta, é evidente que há certos princípios em sua natureza que o levam a se preocupar com a felicidade dos outros. Esses se arriscam colocando-se em posição de herói ao invés de confiar em adultos para resolver os problemas, isso mostra Harry como um jovem egoísta e um pouco egocêntrico que acredita que deve saber sobre tudo que o rodeia.

- Sabe – disse Fineus Nigellus, em tom ainda mais alto do que Harry –, era exatamente por isso que eu detestava ser professor! Os jovens são tão infernalmente convencidos de que têm absoluta razão em tudo. Será que ainda não lhe ocorreu, meu pobre presunçoso empolado, que pode haver uma excelente razão para o diretor de Hogwarts não confiar a você cada pequeno detalhe dos planos dele? Você nunca parou, ao se sentir desprezado, a observar que a obediência às ordens de Dumbledore nunca o colocou em perigo? Não. Não, como todos os jovens, você tem certeza de que só você sente e pensa, só você reconhece o perigo, só você é bastante inteligente para perceber o que o Lorde das Trevas está planejando... (Rowling, 2015, p.557).

A partir do conceito das virtudes de Aristóteles, o discurso de Fineus Nigellus pode ser interpretado a partir do conceito de virtudes éticas e intelectuais, destacando a crença de Harry Potter na infalibilidade de suas próprias opiniões e ações. No contexto das virtudes éticas, a

³⁴ No passado, Severo Snape foi acusado de ser um comensal da morte e se livrou das acusações quando Dumbledore atestou que ele estava trabalhando como espião.

perspectiva de Aristóteles argumenta que o indivíduo virtuoso busca o equilíbrio entre excesso e deficiência em ações e emoções. A citação destaca a falta de humildade e modéstia nos jovens, evidenciada pela presunção de que têm total razão e compreensão do que está acontecendo. Essa atitude excessiva pode ser associada à imprudência intelectual, caracterizada por uma busca desequilibrada pelo conhecimento.

Harry é um “*pobre presunçoso empolado*”. No universo de Harry Potter, ele serve como uma fonte de inspiração para outros personagens, e o fato de o verem como um modelo a seguir pode causar problemas a longo prazo. A ausência de consideração pela perspectiva dos outros, especialmente a desconfiança nos planos de Dumbledore, reflete uma carência na virtude intelectual de Aristóteles, assim como falta de prudência em calcular o melhor curso para ação. As virtudes intelectuais estão relacionadas ao pensamento racional e à busca equilibrada do conhecimento. O ponto de vista do professor sugere que os jovens, ao não considerarem plenamente as ideias e perspectivas alheias, estão em falta na busca equilibrada pela sabedoria.

Ao longo da série, Harry é corajoso e está constantemente empenhado em proteger aqueles que são vulneráveis, especialmente seus amigos e outros alunos de Hogwarts, colocando a segurança dos outros acima da sua e, muitas vezes, arriscando a própria vida para garantir que as pessoas estejam seguras. Segundo Aristóteles (2013, p.144), filósofo grego da era clássica, “Assim como, no tocante às virtudes, alguns homens são chamados bons com referência a uma disposição de caráter e outros com referência a uma atividade, também o mesmo sucede no que diz respeito à amizade”.

O movimento heroico manifesta o potencial da humanidade para superar desafios, fazer o *bem* e alcançar grandes feitos. As pessoas podem almejar serem como seus heróis, buscando incorporar suas qualidades em suas próprias vidas. A idealização de heróis gera motivação para os indivíduos “normais” se tornarem como o herói, encontrando traços comuns ou aspirando a ser como o herói idealizado. Assim, dando início a uma conexão emocional entre os personagens de uma história ou a identificação do público com o personagem que ocupa o papel de herói, tornando a história mais envolvente e inspiradora.

Harry era uma parte indispensável da mescla de manifestações de júbilo e luto, de pesar e comemoração. Todos o queriam ali, seu líder e símbolo, seu salvador e guia, e que ele não tivesse dormido, que desejasse a companhia de apenas uns poucos, não parecia ocorrer a ninguém. Ele devia falar aos consternados, apertar suas mãos, testemunhar suas lágrimas, receber seus agradecimentos, ouvir as notícias que agora chegavam aos poucos de todos os lados ao longo da manhã [...] (Rowling, 2015, p. 729).

Segundo Kant, filósofo alemão do século XVIII, uma ação só é moralmente boa se for motivada exclusivamente pela consciência do dever, pela vontade genuína de praticar o bem e ser correto. Embora Harry seja chamado de escolhido, por “derrotar” Voldemort enquanto era um bebê, é sua decisão de enfrentar dificuldades em nome do bem-estar de todos e de lutar contra o mal que o torna bom. A interpretação de Bloom (2014), para as virtudes conceituadas por Aristóteles é que, um dos traços dos indivíduos virtuosos é aspirar a transformar um comportamento racional, considerado bom ou respeitável, em um hábito involuntário, tornando-se assim naturalmente propenso a fazer a coisa certa. No entanto, muitos dos comportamentos que consideramos bons são influenciados pela cultura em que estamos inseridos, tornando-se apenas um costume, sem demandar longas reflexões.

Nesse momento, Harry é visto como um símbolo de resistência e vitória, um herói que demonstrou sua coragem ao enfrentar o grande inimigo. As pessoas esquecem que apesar de suas grandes realizações, ele é um jovem comum que precisou encontrar determinação para vencer seus desafios e se deparar com escolhas morais difíceis. Rowling (2015, p. 731), escreve: “a felicidade viria, pensou Harry, mas, no momento, estava anuviada pela exaustão e a dor de perder Fred, Lupin e Tonks o atravessava pelo caminho como se fosse uma dor física”. Ocasionalmente, a idealização excessiva pode levar à desilusão quando a realidade não corresponde às expectativas. Os heróis, sendo apresentados nas mais diversas idades, possuem falhas e cometem erros, desenvolvendo uma fonte de conflito emocional para seus admiradores.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, quando a vida de Harry está sendo ameaçada, ele está disposto a mentir para evitar que a ameaça Voldemort seja liberada para o mundo novamente com ele, recuperando seu corpo. Quando Quirrell³⁵ procura pela Pedra Filosofal, mas não a encontra, Voldemort indica que eles devem usar Harry para arrebatá-la, apesar disso, Harry não está interessado em poder ou imortalidade, mas apenas em proteger a Pedra.

“O que quero acima de tudo no mundo, neste momento, é encontrar a Pedra antes que Quirrell a encontre. Então se me olhar no espelho, devo me ver encontrando a Pedra – o que quer dizer que verei onde está escondida! Mas como posso me olhar sem Quirrell perceber o que estou tramando?”

“Preciso mentir”, pensou desesperado. “Preciso olhar e mentir sobre o que vejo, é isso.”

– Estou me vendo apertando a mão de Dumbledore – inventou.

³⁵ Quirrell parece inicialmente um professor de Defesa Contra as Artes das Trevas vulnerável e fraco, um personagem irrelevante, no entanto, essa fraqueza é uma fachada para esconder sua verdadeira lealdade a Lord Voldemort.

- Ganhei... o campeonato das casas para Grifinória – mas não dera cinco passos quando uma voz alta falou, embora os lábios de Quirrell não estivessem se mexendo.
- Ele está mentindo... Ele está mentindo...
- Não seja tolo – rosnou o rosto. – É melhor salvar sua vida e se unir a mim... ou vai ter o mesmo fim dos seus pais... Eles morreram suplicando piedade...
- MENTIRA! – gritou Harry inesperadamente (Rowling, 2015, p.279-281).

A mentira, embora seja algo mal visto pela sociedade, é uma característica ruim que um herói, alguém virtuoso que deveria dar o exemplo aos outros não deveria fazer, utiliza isso para salvar sua vida e tentar proteger pessoas que, de outra forma, sofreriam se ele se entregasse aos esquemas de Voldemort.

Para Kant, um indivíduo não deve mentir, o ato de mentir é um vício e pode induzir o ouvinte a praticar ações que não correspondem à sua vontade e sim à vontade daquele que mentiu, violando o direito de alguém e seu direito de conhecer a verdade. Mentir traz vantagem àquele que cometeu essa ação, como vício não pode ser colocado como uma lei universal, mas embora seja algo moralmente errado e não digno de um herói ou qualquer indivíduo virtuoso, na cena acima foi utilizada visando o *bem*. Dessa forma, percebe-se que o ser humano está repleto de contradições. E os conceitos acerca da moralidade que nos envolvem são complexos e enfiados

Em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, fica evidente que Harry também é um defensor dos direitos dos nascidos trouxas (pessoas nascidas de pais não bruxos), que sofrem discriminação no mundo bruxo. Sua disposição de desafiar as normas e lutar contra a injustiça o torna um herói para aqueles oprimidos. Com outros alunos petrificados e Hermione sendo atacada, por meio de um bilhete que estava nas mãos da garota. É descoberto que o monstro de Sonserina é um basilisco. Harry e Rony buscam ajuda de um dos seus professores e vão em direção à Câmara, seu professor Gilderoy Lockhart acaba por ser revelado como uma fraude e eles são atacados por ele.

O protagonista, muitas vezes, busca o interesse de seu grupo social. Esse conceito é chamado por Batson (2011, p. 220) de coletivismo, ele diz que quando o *bem* do grupo é ameaçado, a motivação do coletivo é despertada, para promover ações em benefício do grupo. Às vezes, essas ações podem beneficiar apenas alguns membros, talvez apenas um indivíduo, mas isso não exclui a boa intenção por trás da motivação.

Na literatura moderna, heróis são apresentados como super-heróis com poderes fantásticos em quadrinhos, personagens de filmes de ação, figuras históricas retratadas de maneira romântica ou personagens de ficção com grande valentia, ou dons especiais. Esses heróis enfrentam ameaças que representam o *mal* em sua forma mais pura, sendo alguns deles

gênios, gerais da antiguidade, alienígenas ou, no caso de Harry Potter, bruxos das trevas malvados. Existe também a figura de anti-herói, entretanto, Harry Potter não se encaixa nela, a meu ver, Harry que evoluiu e amadureceu como personagem, não se encaixa nesse perfil em razão da sua motivação altruísta para com as pessoas com quem se importa e seu caráter moral.

Harry Potter, valoriza seus amigos fazendo grandes sacrifícios por eles, demonstrando coragem ao enfrentar inúmeras ameaças ao longo da saga. Os leitores também testemunham o crescimento e o desenvolvimento do protagonista, passando de um garoto órfão, tímido e inexperiente para um bruxo mais maduro e confiante. Ele também está disposto a se sacrificar para proteger seus entes queridos e o mundo mágico, como visto em sua disposição de enfrentar a Maldição da Morte em "As Relíquias da Morte" para salvar todos. Harry Potter é considerado bom aos olhos tanto dos personagens que lutaram contra Voldemort e os Comensais da Morte quanto dos fãs da saga, graças à sua coragem e sua disposição de se sacrificar pelo bem maior.

4.1.1.2 A Personificação de Lorde Voldemort como Vilão

O vilão representa, no contexto literário, a antítese do herói e, é a representação do que é errado e que difere da moral defendida pelo herói. Ele tende a ser um motivador para o crescimento do personagem do qual é inimigo, comumente, o vilão tem como meta realizar algum prejuízo para a estabilidade de um indivíduo ou um povo. O vilão se torna a representação do próprio *mal*, pois as motivações que os levam a cometer ações que podem ser justificadas em sua própria perspectiva, não são necessariamente moralmente aceitáveis para os outros personagens ou leitores.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, Quirino Quirrell, que está sendo hospedeiro do Lorde das Trevas, está disposto a utilizar tudo a seu favor para realizar o objetivo de seu mestre, desde utilizar a reputação de um colega de trabalho a matar uma criança de onze anos. Voldemort identificou a vulnerabilidade de Quirrell e usou-a a seu favor. Percebendo que Quirrell estava cheio de inseguranças e ideias distorcidas sobre o mundo, o que o tornava suscetível à sua influência.

- Às vezes, eu tenho dificuldade em seguir as instruções do meu mestre. Ele é um grande mago e eu sou fraco.
- O senhor quer dizer que ele estava na sala de aula com o senhor?! – exclamou Harry, admirado.
- Está comigo aonde quer que eu vá.

– Conheci-o quando estava viajando pelo mundo. Eu era um rapaz tolo naquela época, cheio de ideias ridículas sobre o bem e o mal. Lorde Voldemort me mostrou como eu estava errado. Não existe bem nem mal, só existe o poder, e aqueles que são demasiado fracos para o desejarem... (Rowling, 2015, p.278).

Quirrell afirma que seu mestre, Lorde Voldemort, está com ele aonde quer que vá, apresentando a Harry a ideia de que Voldemort de alguma forma se apossou de Quirrell. Do ponto de vista de Aristóteles, a consciência das virtudes por Voldemort é bastante deturpada, o Lorde das Trevas representa a busca egoísta do poder, negligenciando valores éticos importantes e uma compreensão verdadeira da sabedoria. Voldemort é um mestre na manipulação mental, a natureza manipuladora de Voldemort o leva a possuir outros seres para alcançar seus objetivos, prezando apenas sua visão de justiça sem qualquer atenção aos princípios éticos. Ele conseguiu convencer Quirrell, inicialmente um professor fraco e inseguro, a segui-lo. A afirmação de Quirrell de que ele tem dificuldade em seguir as instruções de Voldemort sugere que o vilão exerce um controle sobre ele, tornando-o dependente e submisso.

A ideia de que não existe *bem* nem *mal*, apenas poder, reflete a crença de Voldemort de que a busca pelo poder é a única coisa que realmente importa. Isso é usado para justificar suas ações cruéis e ambiciosas em sua busca pelo poder absoluto. Voldemort é extremamente oportunista e vive pelo que Batson (2011) chama de motivação egoísta. Ele não hesita em explorar as fraquezas e inseguranças das pessoas para ganhar poder e lealdade. Nessa cena, Voldemort tenta explorar as emoções de Harry, usando a memória de seus pais, que foram mortos por Voldemort quando ele era um bebê. No entanto, Harry resiste a essa manipulação e se recusa a entregar a Pedra filosofal.

– Agora me dê a pedra, a não ser que queira que a morte dela tenha sido em vão.

– AGARRE-O! – E, no instante seguinte, Harry sentiu a mão de Quirrell fechar-se em torno de seu pulso.

A dor em sua cabeça diminuiu, ele olhou alucinado à volta para ver onde fora Quirrell e o viu dobrar de dor, examinando os dedos, eles se enchiam de bolhas, diante dos seus olhos.

Quirrell investiu, derrubando Harry no chão, caindo por cima dele, as duas mãos apertando o pescoço do menino, a cicatriz de Harry quase o cegava de dor, contudo ele via Quirrell urrar de agonia.

– Mestre, não posso segurá-lo. Minhas mãos. Minhas mãos!

– Então mate-o, seu tolo, e acabe com isso! – guinchou Voldemort.

Quirrell não podia tocar sua pele, sem sofrer dores terríveis – sua única chance era dominar Quirrell, causar-lhe dor suficiente para impedi-lo de lançar feitiços.

Harry ficou em pé de um salto, agarrou Quirrell pelo braço e segurou-o com toda a força que pôde (Rowling, 2015, p.281-282).

Quando Quirrell tenta pegar a Pedra de Harry, ele é impedido pela proteção mágica que o garoto adquiriu por meio do sacrifício da mãe de Harry, Lílian Potter, que o protegeu com seu amor. No momento em que Quirrell toca em Harry, ele sofre uma dor extrema, devido ao perigo que Voldemort representa ao herói. O menino está disposto a usar essa vantagem para enfraquecê-lo o suficiente para impedir que ele obtenha a Pedra.

Em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, a suspeita do leitor se torna real, o garoto bonito, aluno modelo e o melhor da classe, é um garoto manipulador, egoísta e traiçoeiro, que sempre foi o Lorde das Trevas. O garoto, enquanto uma memória, carrega as características de Voldemort durante seu tempo na escola.

Voldemort não teve escrúpulos ao usar uma garotinha de 11 anos para alcançar seus objetivos, utilizando seu carisma e simpatia para ganhar a confiança de Gina e cumprir seus desejos. Sejam eles matando os sangues ruins da escola, absorvendo a energia vital de Gina enquanto a mata para conseguir um novo corpo ou atrair Harry Potter para uma armadilha.

Você acha que eu ia usar o nome nojento do meu pai trouxa para sempre? Eu, em cujas veias corre o sangue do próprio Salazar Slytherin, pelo lado de minha mãe? Eu, conservar o nome de um trouxa sujo e comum, que me abandonou mesmo antes de eu nascer, só porque descobriu que minha mãe era bruxa? (Rowling, 2015, p. 307-308).

O jovem Tom Servoleo Riddle que mais tarde se tornou Voldemort, não esconde seu desprezo pelas pessoas sem magia e pelo que considera comum, ele é obcecado em provar que é o herdeiro de Salazar Slytherin e o quanto isso o coloca em um nível diferente dos outros. As virtudes éticas de Voldemort são deficientes mesmo na juventude, o jovem carece de generosidade e amizade genuínas. Sua ambição de dividir a sociedade bruxa e subjugar os trouxas destaca sua falta de compaixão e desejo de compartilhar benevolência.

Para Batson (2011), para alcançar os objetivos existem particularidades a seguir, como dito, anteriormente, e serão utilizados para explicar o processo de ação de Voldemort. Primeiramente, Voldemort almeja uma alteração imaginária no ambiente que o cerca, sendo a dominação do mundo bruxo enquanto busca o poder supremo e a imortalidade. A partir disso, existe uma força maior que atrai Voldemort em direção a esse objetivo. Neste caso, a força é o seu desejo obsessivo de dominar o mundo mágico, subjugar todos que estão em seu caminho e eliminar Harry Potter, o seu maior obstáculo.

Posteriormente, se existir algum impedimento no caminho de Voldemort para atingir o seu objetivo, ele irá criar rotas alternativas para alcançá-lo. Voldemort é conhecido por sua

astúcia e determinação, e ele constantemente adapta suas estratégias para superar qualquer obstáculo que apareça, seja mediante alianças estratégicas, magia das trevas ou manipulação.

Por último, a força motivacional de Voldemort desaparece quando o objetivo é alcançado, o qual é seu próprio fim. Em certo ponto da história, Voldemort acredita que atingiu seu ápice de poder ao criar horcruxes para alcançar a imortalidade e quando mais tarde adquiriu a varinha anciã. No entanto, esse desejo de poder e imortalidade também é sua ruína, pois o leva a cometer atos terríveis e, eventualmente, resulta em sua própria morte pelas mãos de Harry Potter.

Em uma história, a presença do vilão cria conflito no enredo e, é importante para manter o interesse do leitor. O confronto entre o herói e o vilão é muitas vezes o que cria o cerne da trama. Esse tipo de personagem é notório por praticar a vilania, exibindo características maléficas, como crueldade, egoísmo, ambição desenfreada e falta de empatia. Claro, existem vários tipos de vilões, eles podem ter camadas e nuances que tornam suas motivações críveis ou serem unidimensionais.

Há os autores que escrevem o *mal* pelo *mal* e apresentam ações cruéis para entretenimento e os que exploram seu passado, traumas ou circunstâncias que levaram um indivíduo a se tornar vilão, com ações mais aceitáveis e interessantes, talvez justificáveis dependendo do contexto. As origens, crenças e experiências podem ser usadas para explicar a razão das suas ações. Alguns personagens passam por arcos de redenção, onde possuem a oportunidade de mudar e encontrar perdão por suas ações. Outros permanecem vilões até o fim da história, sem remorso ou mudança, mesmo que na maior parte da história o vilão seja um obstáculo físico, emocional, ideológico ou moral para o herói. Alguns desses vilões, assim como acredito ser o caso de Voldemort, se encaixam no conceito de psicopatia. Bloom (2014, local. 569), traz a ideia de que:

[..] Há muitos sintomas de psicopatia, incluindo as mentiras patológicas e a falta de remorso ou de culpa, mas a principal deficiência é a indiferença para com o sofrimento de outras pessoas. Os psicopatas não têm compaixão.

[...] Sem uma cota normal de vergonha e de culpa, os psicopatas sucumbem aos impulsos, fazendo coisas terríveis por maldade, ganância ou simplesmente por tédio. E, mais cedo ou mais tarde, eles serão pegos. Embora os psicopatas possam ser bem-sucedidos a curto prazo, eles tendem a falhar a longo prazo, e, muitas vezes, acabam na cadeia ou em situações ainda piores.

Na literatura, encontramos uma variedade de vilões, desde os estereotipados até os mais complexos. Alguns são representações simples do mal, enquanto outros têm características mais sutis e humanas. No entanto, todos desempenham um papel importante na

narrativa, desafiando os protagonistas e acrescentando profundidade à história. Eles nos lembram da diversidade e complexidade da natureza humana, mostrando que o bem e o mal nem sempre são tão definidos quanto parecem.

4.1.2 *Dinâmica entre Luz e Trevas*

O presente subtópico trata de uma breve introdução à próxima categoria, com a intenção de nortear o leitor pelos conceitos e ideias apresentadas a seguir. Na Saga *Harry Potter*, a distinção entre magia da luz e magia das trevas desempenha um papel fundamental na construção do mundo mágico. Essa dualidade entre as duas formas de magia se torna um elemento central que define o caráter dos personagens e estabelece um pano de fundo ético para as narrativas. A magia da luz é frequentemente associada à bondade, gentileza e ao uso ético dos poderes mágicos. É um tipo de magia usada para proteger, curar e promover o bem-estar geral. Enquanto a magia das trevas é associada ao *mal* e busca por poder a qualquer custo, independente dos danos que podem causar a outrem.

É necessário escolher entre ser um bruxo da luz e bom cidadão ou um bruxo/criatura das trevas que faz o *mal* e ser um potencial criminoso ou perigo para sociedade. Alguns personagens como Harry Potter, Hermione Granger e Rony Weasley representam aqueles que escolheram usar seus poderes para o *bem*, enquanto personagens como Lord Voldemort e seus seguidores, os Comensais da Morte, optaram por seguir um caminho das trevas. Aqueles que praticam a magia das trevas, na forma de feitiços e poções proibidos, assim como criaturas mágicas malignas, muitas vezes buscam poder pessoal, controle sobre os outros e estão dispostos a causar dano para atingir seus objetivos, seja quebrando leis ou ignorando o bem-estar de outros indivíduos.

Essa dinâmica adiciona camadas de complexidade moral, incentivando os personagens a fazerem escolhas difíceis. Ademais, ela reflete temas universais sobre a natureza humana, a interação entre bem e o mal, e essa interação refletida em dois personagens, indicam a dualidade que existe em nós mesmos. Harry Potter e Voldemort podem ser considerados faces de uma mesma pessoa. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de os personagens lidarem com as consequências de suas escolhas, seja pela redenção ou pela queda ainda mais profunda nas trevas.

Em síntese, a dinâmica entre luz e trevas apresentada na história serve como uma lente através da qual questões éticas e morais são exploradas. Os personagens, ao enfrentarem a escolha entre seguir um caminho benevolente ou ceder às tentações das trevas, enfrentam dilemas que ressoam além do mundo mágico e trazem reflexão ao leitor possibilitando

convidando-o a analisar suas próprias escolhas e valores, expandindo assim sua compreensão sobre ética e moralidade.

4.1.2.1 O Caráter do Personagem Principal e do Vilão Antagonista

Nesta categoria, ocorrem mais encontros entre Harry Potter e Lorde Voldemort, nos quais eles apresentam suas ideias e os lados que defendem socialmente no mundo mágico. A tabela a seguir, proposta por Batson (2011) mostra como o egoísmo e o altruísmo, características apresentadas pelo herói e pelo vilão da história, podem ser compreendidos, nomeando os objetivos que estão tentando alcançar ou manter com suas motivações.

Tabela 2 – Egoísmo e Altruísmo como motivação para beneficiar outros indivíduos e a sociedade

MOTIVO	OBJETIVO FINAL / ESTADO VALORIZADO	EMOÇÕES DE ESTADO DE NECESSIDADE	PONTOS FORTES	FRAQUEZAS
Egoísmo	Aumentar o próprio bem-estar.	Muitos, incluindo a dor, angústia, desconforto, medo, ansiedade, vergonha, culpa, prazer, elogio, orgulho, etc.	Poderoso; facilmente excitado; forte base emocional em prazer-dor.	Beneficiar outros, seja indivíduos ou a sociedade em geral, relaciona-se à motivação egoísta apenas como um meio instrumental ou não intencional consequência.

Altruísmo	Aumentar o bem-estar de um ou mais outros indivíduos.	Preocupação empática, incluindo simpatia, compaixão, ternura, empatia angústia, empático raiva, etc.	Poderoso; focado em bem-estar do outro como objetivo final; poderia generalizar para o grupo de qual outro é membro; forte base emocional em preocupação empática.	O altruísmo induzido pela empatia é limitado para indivíduos para quem a empatia é sentido; o bem-estar da sociedade em geral está relacionado à motivação altruísta apenas como um meio instrumental ou não intencional consequência.
-----------	---	--	--	--

Fonte: Batson (2011)³⁶

Batson (2011), acredita que as emoções podem e devem ser incluídas na análise das relações entre valores, objetivos, motivos e comportamento. As emoções costumam ser sentidas quando uma pessoa experimenta alguma mudança em sua relação com seu objetivo final. Obter ou perder um objetivo final (estado valorizado) produz emoções, como felicidade ou tristeza. A consciência de uma disparidade entre o estado atual ou futuro de uma pessoa e seu objetivo final produz emoções de estado de necessidade, como angústia e desconforto e ainda se o estado final buscado for o bem-estar de outro, preocupação empática³⁷. As emoções do estado final e do estado de necessidade fornecem informações sobre o que valorizamos e onde estamos em relação a isso.

Logo após o encontro de Harry Potter e Voldemort em Harry Potter e a Pedra Filosofal, o protagonista acorda na enfermaria e encontra o Diretor Dumbledore, quando acorda o menino está preocupado com a localização da pedra e o que aconteceu com Voldemort.

³⁶ Tradução livre de parte da tabela da p. 217 apresentada em Altruism in Humans, Batson, 2011.

³⁷ O termo preocupação empática é utilizado por Batson no sentido de empatia, referindo-se à emoção voltada para outra pessoa, provocada e congruente com o bem-estar percebido de alguém necessitado. A palavra, “congruente” está se referindo não ao conteúdo específico da emoção, mas à capacidade para praticar a ação, positiva quando o bem-estar percebido do outro é positivo, negativo quando o bem-estar percebido é negativo. Como se sentir alegre e satisfeito pela felicidade de um amigo conseguir um novo emprego ou ficar chateado por uma pessoa estar triste por perder algo importante. A preocupação empática não se resume a uma única emoção específica, mas engloba um conjunto abrangente de sentimentos. Ela incorpora sentimentos como simpatia, compaixão, sensibilidade, ternura, tristeza, pesar, aborrecimento, angústia e preocupação. A essência da preocupação empática está centrada no outro, por implicar em sentir em prol do outro.

Cheguei a tempo de tirar Quirrell de cima de você...

– Então foi o senhor.

– Receei que tivesse chegado tarde demais.

– Quase chegou, eu não poderia ter mantido Quirrell afastado da Pedra por muito mais tempo...

– Não da Pedra, menino, de você. O esforço que você fez quase o matou. Por um instante terrível, receei que tivesse matado.

Voldemort vai tentar outras maneiras de voltar, não vai? Quero dizer, ele não foi de vez, foi?

– Não, Harry, não foi.

Abandonou Quirrell à morte; ele demonstra a mesma falta de piedade tanto com os amigos quanto com os inimigos [Sobre Voldemort] (Rowling, 2015, p.284-285).

Ademais, após a derrota de Quirrell, em sua conversa com Dumbledore, Harry demonstra que sua preocupação não é apenas consigo, mas com o bem-estar de todos. Isso remete inicialmente ao conceito de preocupação empática e altruísmo, lembrando que Batson (2011), considera que o altruísmo não deve ser derivado do autossacrifício, mas a busca do bem-estar do outro. Como dito, anteriormente, para Bloom (2014, local.265), “é em nome do benefício de todos que nos preocupamos com aqueles que nos cercam”.

O garoto ainda não entende o que significa a proteção da mãe e a razão de Quirrell enquanto possuído por Voldemort ser tão afetada por ela, pedindo a Dumbledore que esclareça a situação e o diretor explica um pouco sobre a personalidade do Lorde das Trevas.

– Sua mãe morreu para salvar você. Se existe uma coisa que Voldemort não consegue compreender é o amor. Ele não entende que um amor forte como o de sua mãe por você deixa uma marca própria. Não é uma cicatriz, não é um sinal visível... ter sido amado tão profundamente, mesmo que a pessoa que nos amou já tenha morrido, nos confere uma proteção eterna. Está entranhada em nossa pele. Por isso Quirrell, cheio de ódio, avareza e ambição, compartilhando a alma com Voldemort, não podia tocá-lo. Era uma agonia tocar uma pessoa marcada por algo tão bom (Rowling, 2015, p.286).

O psicólogo Paul Bloom (2014), examina como as emoções morais negativas podem influenciar nossa compreensão da moralidade. A perspectiva dele questiona como as ideias sobre o que é certo e errado são construídas. A "marca" do amor de Harry o torna intocável por Voldemort, ressaltando assim a ideia de que as ações movidas pelo amor têm um poder duradouro e positivo, enquanto as movidas por motivos negativos como o ódio são limitadas e incapazes de prevalecer sobre o *bem* representado pelo amor.

No segundo ano escolar de Harry, com a Câmara Secreta aberta, o garoto enfrenta alguns problemas. Neste livro, o leitor é lembrado de que Harry possui a habilidade de falar com cobras, algo frequentemente interpretado como um traço de afinidade com a magia das

trevas. Essa peculiaridade é compartilhada pelo protagonista com Voldemort, levando parte da escola a suspeitar que ele está relacionado ao incidente da reabertura da Câmara Secreta.

Para desvendar o novo mistério que assola a escola, Harry e seus amigos ficam curiosos para descobrir o que aconteceu na última vez que a Câmara foi aberta. Em meio a isso, um livro antigo é encontrado no banheiro. Rony tenta alertar Harry sobre o perigo de manusear livros mágicos sem conhecer seus efeitos, mas o menino não acredita que exista algum problema com o material. Ao examinar o livro, é revelado um nome: T. S. Riddle. Rony lembra que já havia visto esse nome antes na sala de troféus, pertencia a um monitor que ganhou um prêmio simbolizando serviços especiais prestados à escola há 50 anos, período que coincide com a última abertura da Câmara Secreta de Sonserina.

Harry não conseguiu explicar, nem para si mesmo, por que simplesmente não jogou fora o diário de Riddle.

E embora tivesse certeza de que nunca ouvira falar em T. S. Riddle antes, ainda assim o nome parecia significar alguma coisa para ele, quase como se Riddle fosse um amigo que tivera quando era muito pequeno, e meio que esquecera.

Harry estava decidido a descobrir mais sobre Riddle (Rowling, 2015, p. 230).

Harry parece sentir uma conexão estranha com o nome, como se fosse uma lembrança de algo importante de seu passado. Isso pode ser analisado à luz da empatia, preocupação empática de Batson (2011), a ideia de que Riddle pareça um "amigo esquecido" e a identificação com a situação de Riddle sendo ele criado no mundo não mágico e não possuindo muito dinheiro. Por outro lado, Bloom (2014) pode contribuir sobre a moralidade envolvida. O descaso de Harry com a própria segurança ao não descartar o diário de Riddle, mesmo quando alertado por Rony, pode ser interpretado como uma decisão moral questionável que, além de poder, afetá-lo pode prejudicar outras pessoas.

Na Câmara Secreta, quando Harry percebe que foi separado do grupo e a sua frente estão Gina Weasley, irmã mais nova de Rony e Riddle. O antigo monitor era uma figura borrada que poderia ser confundida com um fantasma, contando com a gentileza do outro garoto, Harry pede ajuda dele para salvar Gina que está deitada no chão cada vez mais pálida. Quando Harry pergunta a Riddle como Gina ficou daquele jeito, é revelado que o livro, o diário de T. S. Riddle, estava em posse dela durante a maioria do ano letivo. A garota comunicou-se com Riddle, discutiu suas tristezas, problemas familiares, a opinião que outros tinham sobre ela e expressou seu afeto pelo protagonista.

– É muito chato ter que ouvir os probleminhas bobos de uma garota de onze anos. Mas fui paciente. Respondi. Fui simpático, gentil. Gina simplesmente me adorou. *Ninguém nunca me compreendeu como você, Tom... É uma alegria ter este diário*

para fazer confidências... É como ter um amigo portátil que se leva para todo lado no bolso...

– Ainda que seja eu a dizer, Harry, sempre fui capaz de encantar as pessoas de quem precisei. Então Gina me revelou sua alma, e por acaso essa alma era exatamente o que eu queria... fui ficando cada vez mais forte com a dieta dos seus medos mais arraigados e segredos mais íntimos. Fiquei poderoso, muito mais poderoso do que a pequena Srta. Weasley. Suficientemente poderoso para começar a alimentá-la com alguns dos meus segredos, e começar a instilar nela um pouco da *minha* alma... Riddle deu uma risada aguda e fria que não combinava com ele. Fez os cabelos na nuca de Harry se arrepiarem (Rowling, 2015, p. 303-304, grifo do autor).

Para Batson (2011), altruísmo e egoísmo possuem características em comum. Cada um deles se refere a um motivo direcionado a um objetivo; e está preocupado com o objetivo final desse motivo; e, para cada um, o objetivo final é aumentar o bem-estar de alguém. Isso traz as perguntas: o bem-estar de quem é o objetivo final? É de outra pessoa ou do próprio?

O jovem esclarece Harry sobre a participação de Gina em todo o mistério envolvendo a Câmara, sob influência de Riddle, Gina abriu a Câmara Secreta, estrangulou os galos no terreno da escola e pintou avisos com sangue nas paredes, notificando a todos que o herdeiro de Sonserina estava presente. Riddle demonstra uma clara falta de empatia ao se aproveitar das inseguranças e medos da jovem. Ele ganha sua confiança mostrando gentileza e falsa empatia para, posteriormente, explorar seus medos mais profundos. A fala de Riddle sugere que ele vê as pessoas como ferramentas para alcançar seus próprios objetivos. Ele se alimenta do medo de Gina, tornando-se mais poderoso à medida que a manipula.

– É claro que ela não sabia o que estava fazendo no início. Era muito divertido. Eu gostaria que você tivesse visto as anotações que a garota fez no diário depois... ficaram muito mais interessantes... *“Querido Tom”* – recitou ele, observando a expressão horrorizada de Harry –, *“acho que estou perdendo a memória. Tem penas de galos nas minhas vestes e não sei como foram parar lá. Querido Tom, não me lembro do que fiz na noite das Bruxas, mas um gato foi atacado e a frente da minha roupa está suja de tinta. Querido Tom, Percy me diz o tempo todo que estou pálida e que estou diferente do que era. Acho que ele suspeita de mim... Houve outro ataque hoje e não sei onde é que eu estava. Tom, que é que eu vou fazer? Acho que estou ficando maluca... Acho que sou a pessoa que está atacando todo mundo, Tom!”* (Rowling, 2015, p. 304, grifo do autor).

Riddle demonstra uma completa falta de preocupação com o sofrimento e as consequências para Gina e para os outros estudantes de Hogwarts. Sua indiferença para com o impacto de suas ações revela seu comportamento egoísta e maldoso. Riddle compartilha que apenas após muito tempo a menina parou de confiar no diário e o jogou fora, no banheiro. No entanto, Riddle estava feliz, pois Harry era a pessoa que ele ansiava conhecer. Ele ouviu toda a história de Harry a partir de Gina e quando o diário foi para as mãos do garoto ele fez o possível para chamar sua atenção, “decidi lhe mostrar a minha famosa captura daquele

bobalhão do Hagrid para ganhar sua confiança [...]”, Rowling (2015, p.305). Seguindo sua história, Riddle fala sobre como Gina invadiu o dormitório masculino e pegou de volta o diário e como Tom a fez escrever uma mensagem de adeus na parede para atraí-lo, Tom estava extremamente interessado em Harry.

– [...] como foi que você, um garoto magricela, sem nenhum talento mágico excepcional, conseguiu derrotar o maior bruxo de todos os tempos? Como foi que você escapou apenas com uma cicatriz, enquanto os poderes do Lorde Voldemort foram destruídos? (Rowling, 2015, p. 307).

Tom parece indignado com o fato de Harry ter vencido Voldemort, um garoto comum que nunca poderia fazer algo assim contra *ele*.

– Voldemort – disse Riddle com indulgência – é o meu passado, presente e futuro, Harry Potter...
E, tirando a varinha de Harry do bolso, ele escreveu no ar três palavras cintilantes:
TOM SERVOLEO RIDDLE
Em seguida, agitou a varinha uma vez e as letras do seu nome se rearrumaram:
EIS LORDE VOLDEMORT (Rowling, 2015, p. 307).

Entretanto, Tom, também pode ver semelhanças entre ele e Harry:

– Então, sua mãe morreu para salvar você. É, isso é um contrafeitiço poderoso. Estou entendendo agora... afinal de contas você não tem nada especial. Há uma estranha semelhança entre nós. Até você deve ter notado. Nós dois somos mestiços, órfãos, criados por trouxas. Provavelmente, desde o grande Slytherin, somos os dois falantes da língua das cobras a frequentar Hogwarts. E até nos parecemos fisicamente... mas no final, foi um simples acaso que salvou você de mim. Era só o que eu queria saber (Rowling, 2015, p. 310).

Quando ele está pronto para lutar contra Harry e possivelmente matá-lo, Fawkes, a fênix³⁸ de Dumbledore aparece trazendo consigo o chapéu seletor, dentro desse estava a espada de Godric Griffindor, arma que o protagonista utiliza para matar o basilisco quando Tom ordena que a criatura mate o menino. Ferido pelas presas da serpente gigante, Harry está à beira da morte jogado no chão e Riddle diz que quer apreciar a vista da morte de Harry, quando então a Fênix chora em seu ferimento e o cura. Aproveitando a oportunidade, Harry utiliza a presa que o feriu e apunhala o diário, assim extinguindo a memória de Voldemort.

Já na próxima obra, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, Harry tem seu nome colocado no artefato Cálice de Fogo e é obrigado a participar do torneio mágico entre as três escolas de magia proeminentes da Europa, o torneio Tribuxo. Após a última prova do torneio, Harry é

³⁸ A Fênix, é uma ave mitológica que simboliza o renascimento, quando morre, entra em autocombustão e, passado algum tempo, ressurge das próprias cinzas.

levado para o cemitério de Little Hangleton por meio de uma magia de transporte através do plano de Voldemort. Chegando no cemitério, o menino presencia o assassinato de seu colega de escola Cedrico Diggory e encontra-se diante de um ritual onde Voldemort e mais tarde seus seguidores, os Comensais da Morte, estão presentes.

Voldemort usa o sangue de Harry em uma poção para recuperar sua forma física e voltar ao poder. É possível entender parte de sua motivação com a explicação de Batson sobre o egoísmo e a preocupação com o próprio bem-estar:

Não há dúvida de que valorizamos nosso próprio bem-estar. Sentimo-nos chateados e angustiados quando ele é ameaçado e somos motivados a aumentá-lo quando surgem oportunidades para isso. A clássica frase de abertura de Jeremy Bentham (1789/1876) diz muito bem: “A natureza colocou a humanidade sob o governo de dois senhores soberanos, a dor e o prazer” (Capítulo 1, parágrafo 1). O egoísmo, motivação com o objetivo final de aumentar nosso próprio bem-estar, claramente existe. Pode ser um motivo poderoso para beneficiar os outros (Batson, 2011, p. 216).

Nesse momento, a cicatriz de Harry, a qual é uma ligação entre os dois devido à tentativa de assassinato de Voldemort quando Harry era bebê, começa a doer intensamente. Após sua ressurreição, Voldemort relembra seu encontro anterior no primeiro ano de Harry e aproveita a situação do garoto indefeso para humilhá-lo e torturá-lo.

– Crucio!

Foi uma dor que superou qualquer coisa que Harry já sofrera; seus próprios ossos pareciam estar em fogo; sua cabeça, sem dúvida alguma, estava rachando ao longo da cicatriz, seus olhos giravam descontrolados em sua cabeça; ele queria que tudo terminasse... que perdesse os sentidos... morresse...

Então passou. Ele ficou pendurado nas cordas que o prendiam à lápide do pai de Voldemort.

A noite ressoava com o estrépito das risadas dos Comensais da Morte.

– Estão vendo a tolice que foi vocês suporem que este garoto algum dia pudesse ser mais forte que eu? – ponderou Voldemort. – Mas eu não quero que reste nenhum engano na mente de ninguém. Harry Potter me escapou por pura sorte. E vou provar o meu poder matando-o, aqui e agora, diante de todos vocês (Rowling, 2015, p. 651-652).

Voldemort desafia Harry para um duelo e ordena que o garoto seja solto e sua varinha devolvida, em meio aos ataques, as varinhas são conectadas por uma corrente de luz, e o espírito das últimas vítimas de Voldemort que foram assassinadas com sua varinha emergem para proteger Harry. Isso permite ao menino escapar com o corpo de Cedrico Diggory. O evento deixa Harry traumatizado e o protagonista alerta o mundo bruxo para o retorno do Lorde das Trevas. Embora muitos não acreditem nele e pensem que o menino apenas quer atenção.

No último livro da Saga, Harry Potter e as Relíquias da Morte, Harry acompanhado por Rony e Hermione volta ao território de Hogwarts, onde ele acredita que a última Horcrux de Voldemort está escondida. Eles se deparam com Severo Snape que foi atacado pela serpente Nagini e está morrendo, em seus últimos suspiros. Severo entrega algumas de suas memórias a Harry, com isso o jovem descobre que ele mesmo era uma das horcrux de Voldemort, uma que nem mesmo Lorde sabia que havia sido criada e era a chave para a derrota de seu inimigo.

Harry então se entrega voluntariamente a Voldemort, fugindo do castelo com sua capa de invisibilidade³⁹, indo em direção a Floresta Proibida. Rowling (2015, p. 679), “semelhante à chuva batendo em uma janela fria, esses pensamentos tamborilavam na superfície dura da verdade incontroversa: ele devia morrer. Eu devo morrer. Isto deve findar”. No caminho para encontrar Voldemort, Harry usa a pedra da ressurreição para conversar com os espíritos dos seus entes queridos mortos enquanto eles o acompanham no trajeto.

Como observou Aristóteles, um dos traços dos indivíduos virtuosos é que eles aspiram transformar um bom comportamento racional em um hábito involuntário, e, assim, se tornar aquele tipo de pessoa que faz a coisa certa sem nunca ter que pensar sobre isso. Entretanto, muitos dos comportamentos que consideramos bons pertencem à nossa cultura; são um costume, e nunca algo para se ficar pensando por muito tempo (Bloom, 2014, local. 2728).

Lá, Harry enfrenta sua morte, mas acaba sobrevivendo porque ele é o verdadeiro mestre da Varinha das Varinhas e essa se recusa a matá-lo, uma das três relíquias da morte que atualmente está em posse de Voldemort. A varinha também reconhece que sua lealdade é para Harry, que a conseguiu por meio de Draco Malfoy após esse tomá-la de Dumbledore. Harry aceita o feitiço do Lorde das Trevas sem revidar e acreditando que o matou, Voldemort começa a celebrar sua vitória.

– Examine-o. Me diga se está morto.

– Está morto! – anunciou Narcisa Malfoy para os Comensais.

– Viram? – guinchou Voldemort, sobrepondo-se ao tumulto. – Harry Potter foi morto por minha mão, e agora nenhum homem vivo poderá me ameaçar! Vejam! Crucio!

Harry estivera esperando aquilo: sabia que não deixariam o seu corpo descansar intocado no chão da Floresta, teria que ser humilhado para comprovar a vitória de Voldemort. Ele foi erguido no ar, e precisou de toda a sua força de vontade para continuar inanimado; entretanto, a dor que previra não ocorreu. Foi atirado uma,

³⁹ As relíquias da morte são compostas por três artefatos, a varinha das varinhas, a pedra da ressurreição e a capa de invisibilidade. A varinha das varinhas, varinha anciã ou cajado da morte, é dita como aquela que levará quem a possuir a vencer qualquer duelo. Alguns acreditam que a pedra da ressurreição pode trazer as pessoas de volta a vida, no entanto, seu poder manifesta o espírito do falecido pelo tempo que o artefato estiver ativo. Já a capa de invisibilidade nunca se desgasta e pode esconder seu usuário, supostamente, até mesmo da morte.

duas, três vezes no ar, seus óculos voaram do rosto e ele sentiu a varinha escorregar um pouco sob suas vestes, mas continuou mole e sem vida e, quando caiu no chão pela última vez, a clareira ressoou com insultos e risadas agudas.

– Agora – disse Voldemort –, vamos ao castelo lhes mostrar o que restou do seu herói (Rowling, 2015, p. 710-711).

Bloom (2014), aborda a ideia de que a empatia é uma parte central do nosso entendimento moral, mas também reconhece que, em algumas situações, as pessoas podem tomar decisões difíceis em nome de objetivos mais amplos ou valores fundamentais. O desprezo de Voldemort pela dignidade de Harry, mesmo após sua suposta "morte", ilustra a falta de empatia e compaixão, características que Bloom considera fundamentais para uma moralidade saudável. Além disso, a reação dos Comensais, que riem e insultam o corpo aparentemente sem vida de Harry, expressa desumanização e falta de consideração por aqueles que não compartilham seus ideais. Ao aceitar a morte e a humilhação, Harry Potter demonstra sua habilidade de altruísmo, não pela visão que terão dele após o sacrifício, mas pela consciência de que ele era necessário para que as pessoas com quem se importa pudessem ter uma chance de viver. Esse ato envolve planejamento e crescimento do personagem, considerando o próprio sofrimento imediato para alcançar o benefício a longo prazo.

No entanto, Harry estava fingindo sua morte e ouve a declaração de Voldemort. O Lorde das Trevas diz que Harry fugiu covardemente durante a batalha e abandonou todos para se salvar, ele fala que dará oportunidade aqueles que lhe jurarem lealdade, contudo, os que se oporem independente de serem homens, mulheres ou crianças, seriam exterminados, assim como todos os membros de sua família. A descoberta de que Harry está vivo causa confusão e desordem entre os seguidores de Voldemort. O protagonista e seu inimigo duelam novamente, entretanto, Harry não usa a maldição da morte contra Voldemort, em vez disso revela que a varinha de Voldemort é inútil contra ele e tenta convencer Voldemort a sentir remorso e arrependimento, mas o Lorde das Trevas se recusa a ouvir. Por fim, a maldição que ele lançou sobre Harry ricocheteia novamente, e Voldemort é derrotado de uma vez por todas.

Harry se encontra em um lugar que precisa compartilhar a dor e a alegria das pessoas, ouvir suas histórias e agradecimentos, testemunhar a reconstrução do mundo mágico. No entanto, ele percebe que o sacrifício que fez por todos não apaga a dor que sente ao perder as pessoas que eram importantes para ele. Mesmo com seu ato altruísta e a luta pelo *bem*, a perda ainda o acompanha. Em paralelo a isso, Voldemort, que sempre visou poder acima de tudo e trouxe o *mal* para a comunidade da Grã-Bretanha, morreu da mesma forma que aqueles que eram desprezados por ele.

Esta reflexão sobre as experiências de Harry e Voldemort ressalta a complexidade da natureza humana e das consequências de nossas escolhas. Enquanto Harry, mesmo após sacrifícios e lutas, ainda enfrenta a dor da perda, Voldemort encontra seu fim em circunstâncias que refletem a própria crueldade que ele infligiu aos outros. Essa análise, convida a todos a examinar mais profundamente as motivações por trás de suas ações e a considerar as ramificações éticas de nossas decisões. Através dessa reflexão, somos desafiados a cultivar um senso moral mais aguçado e a buscar um equilíbrio entre o bem e o mal em nossas próprias vidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa foi explorar o conceito de *bem* e *mal* presentes na obra ficcional *Harry Potter*, a partir dos encontros entre Harry Potter e Lorde Voldemort. A análise situou a obra em seu contexto e esclareceu os conceitos de *bem* e *mal* através das interações entre o protagonista e o vilão a partir da interpretação de suas interações. Esta pesquisa não se limitou a revelar os elementos narrativos que constituem o conflito na trama, mas buscou também evidenciar a importância persistente dessas questões na sociedade atual.

Foi constatado que os conceitos éticos e morais presentes em obras literárias, mesmo na categoria de ficção com gênero de fantasia, espelham elementos da realidade em sua narrativa. Uma obra como *Harry Potter*, que alcançou a marca de milhões de cópias vendidas e permanece presente na vida de jovens e adultos por mais de duas décadas, pode exercer influência no desenvolvimento do senso crítico e do senso de responsabilidade dessas pessoas.

Ao explorar as interações entre o personagem principal e o vilão, aprofundando a reflexão sobre o contexto em que a história se desenrola, foi possível discernir diversos *insights* que permitiram vislumbrar um paralelo entre como as pessoas enxergam a sociedade ao seu redor e as distinções entre certo e errado, *bem* e *mal*. Isso, por sua vez, varia conforme as crenças, culturas e grupos sociais frequentados pelo indivíduo.

Apesar de existirem pesquisas sobre o tema a partir de uma perspectiva filosófica, é notável a escassez de estudos conduzidos por psicólogos em relação a questões morais. Nos termos do presente estudo, durante a pesquisa, os únicos psicólogos que encontrei que falavam algo que se alinhavam a minha proposta foram Batson e Bloom. Acredito que a reflexão proposta por este trabalho, aliada à explanação do tema a partir de uma obra tão conhecida, possa despertar não apenas o interesse na comunidade da psicologia, mas também entre estudiosos da filosofia e entusiastas da literatura.

Os conceitos de *bem* e *mal*, assim como a compreensão de suas naturezas e seus impactos na vida das pessoas, como mencionado, geralmente não faz parte das reflexões habituais na comunidade de psicologia, ao menos, não em trabalhos publicados. O uso de autores de outras áreas de estudo não foi apenas uma estratégia para incentivar o diálogo interdisciplinar, mas também uma representação da lacuna existente no material disponível sobre esse tema específico.

Dentro desse contexto, a pesquisa não só almejou investigar a influência ética e moral presente na literatura, mas também visou preencher essa lacuna no entendimento psicológico desses conceitos fundamentais e acredito que isso foi alcançado. Buscando compreender

como as narrativas, como as encontradas em *Harry Potter*, podem moldar e influenciar o desenvolvimento do senso crítico, da sensibilidade e do discernimento moral em jovens e adultos ao longo do tempo.

Este trabalho incentiva pesquisas mais aprofundadas e sugere que futuras investigações explorem a influência de diferentes gêneros literários, bem como a comparação entre diferentes obras em relação aos impactos éticos e morais, do ponto de vista da psicologia. Seria interessante investigar como diferentes abordagens narrativas, além das encontradas na obra que serviu de base para esse trabalho, influenciam a formação do senso crítico em relação às questões éticas e quais são os elementos-chave que desempenham um papel significativo nesse processo.

Além disso, estimo-o a extensão da pesquisa para além da obra literária para outros meios de entretenimento, como filmes e séries, que podem proporcionar uma visão mais abrangente sobre como as narrativas ficcionais se entrelaçam à percepção moral na realidade. E se há diferenças notáveis nas implicações éticas e morais percebidas em narrativas de fantasia em comparação com aquelas ambientadas em contextos realistas, assim como a maneira que essas diferenças afetam a interpretação e a absorção dos valores morais pelos indivíduos. A incorporação de métodos qualitativos, sendo eles entrevistas ou pesquisa bibliográfica, pode enriquecer a compreensão das experiências individuais e subjetivas em relação a esses conceitos.

Em síntese, este trabalho visou inspirar discussões e reflexões adicionais sobre a interconexão entre psicologia, literatura e filosofia, despertando interesse e encorajando pesquisadores a aprofundar-se nesse campo com potencial de constante evolução.

REFERÊNCIAS

- A IGREJA do Diabo. *In*: ASSIS, Machado de. **Volume de Contos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1884. *E-book* Kindle.
- ARANTES, Judith R. **Fantasy e Mito em o Silmarillion de J. R. R. Tolkien**. Orientador: Ana Lúcia Trevisan. 2016. 158 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 6. ed. 3. rev, 2001. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2013.
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019. *E-book* Kindle.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATSON, Daniel C. **Altruism in Humans**, New York: Oxford University Press, Inc., 2011.
- BENITES, Larissa C.; NASCIMENTO, Juarez V. do; MILISTETD, Michel; FARIAS, Gelcemar O. Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: estudo sobre estagio curricular supervisionado. **Movimento**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 35–50, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/53390>. Acesso em: 10 maio 2024.
- BLOOM, Paul. **O que nos faz bons ou maus**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2014.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CORSO, Diana L; CORSO, Mario. **Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FRITSCH, Valter H. C; ROCHA, Fabian Q.; ZILBERMAN, Regina (org.). **Aspectos do Romance de Fantasia: motivos míticos e maravilhosos na Literatura**. Rio Grande: Editora da FURG, 2022.
- GOBRY, Ivan. **Vocabulário grego da filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa: Tipos Fundamentais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio-jun. 1995.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Brasil Editora S.A., 1959.
- KANT, Immanuel. **Metafísica dos Costumes**. 3. ed. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

LIMA, Débora A. **Os Gêneros Literários Karuazu**. 2019. 99 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2019.

MARCONI, Marina A; LAKATOS, Eva M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MENDLESOHN, Farah; JAMES, Edward. **A Short History of Fantasy**. Oxfordshire: Libri, 2012.

MONTELEONE, Joana. **A bruxa que criou Harry Potter**. SUPERINTERESSANTE, 2004. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/a-bruxa-que-criou-harry-potter>. Acesso em: 10 ago. 2023.

PEREIRA, Antonio M. Saer versus Aira: versões de uma antropologia especulativa. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 38, p. 109120, jul-dez. 2011.

PRODANOV, Cleber. C.; FREITAS, Ernani. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SEDGWICK, Sally. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes: uma chave de leitura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SILVA, Vitor M. A. **Teoria da Literatura**. 8. ed. 17. rev. Coimbra: Almedina. Biblioteca Nacional de Portugal, 2009.

SUTHERLAND, John A. **Uma Breve História da Literatura**. Porto Alegre/RS: L&PM, 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1985.